

o carste

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas - Brasil

abril 2003



ISSN 0104-8366 VOLUME 15 Nº 2

**Expedição Franco-
brasileira 2001 38**

**Candide à Caraça
Nelly Hazard 40**

**Desatenção a Bocaina
Caraça, Minas Gerais
Jacques Sanna 50**

**A nova entrada da Gruta
da Bocaina e o encontro
do ET no Pico do
Inficionado
Ezio Luiz Rubbioli 57**

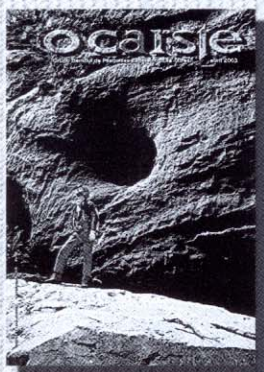
**Se eu cair, eu morro...
Joël Raimbourg 66**

**Alaouf!
Marc Faverjon 70**

Capa:

Algumas feições no Pico do Inficionado desafiam a nossa imaginação. É o caso dos condutos circulares que podem ser encontrados em várias grutas ou até mesmo nas paredes das fendas abertas.

Foto: Jean François Perret



Contra-capa:

Aspecto do Santuário do Caraça e detalhe do Pico do Inficionado (no fundo as fendas que acessam as principais grutas).

*Fotos: Jean François Perret
e Daniel Viana.*

Pico do Inficionado

Naquela manhã ensolarada de 1996, quando subíamos pela primeira vez o Pico do Inficionado, jamais poderíamos imaginar o que teríamos pela frente. Na mochila, dividindo espaço com barracas, fogareiro e mantimentos, alguns metros de corda eram amaldiçoados durante toda a trilha. Afinal de contas, para que carregar todo aquele "peso morto" para explorar algumas grutinhas no quartzito. Como todo mundo sabia na época, neste tipo de rocha, dificilmente encontraríamos alguma cavidade notável. Mas os nossos conceitos de tamanho, dificuldade e frio estavam prestes a ser colocados à prova...

Hoje as duas maiores e mais profundas caverna em quartzito do mundo estão no Pico do Inficionado. A Gruta do Centenário e a Bocaina colocaram o Brasil no topo da lista das grandes cavidades nesta litologia. Além disso, depois da expedição de 2001 e a descoberta da Alaouf, os três maiores desníveis do Brasil (em qualquer tipo de rocha) estão lado-a-lado nesta montanha que divide os municípios mineiros de Catas Altas e Mariana. Quem diria que em um país com tanto calcário o potencial vertical estivesse escondido no quartzito. Considerando a extensão dos maciços nesta litologia, faço idéia das surpresas que teremos pela frente. Mas não foi só o conceito de grandeza que tive que ser revisto. Nossas técnicas de exploração foram adaptadas para este novo desafio. Nem mesmo em outros países encontramos paralelo na dificuldades que o Pico do Inficionado oferece. A rocha "podre" e friável exigiu novas técnicas para fixação de ancoragens, que até hoje ainda estão em evolução.

A notícia destas descobertas varreu o mundo e, em pouco tempo, atraiu a atenção de espeleólogos de várias partes. Italianos, eslovacos, venezuelanos e franceses já atravessaram as nossas fronteiras com o objetivo de conhecer o Inficionado. Um local que tem muito mais atrativos que os frios números dos seus recordes podem expressar.

Está é mais uma edição d'O Carste totalmente dedicada ao Pico do Inficionado, mais especificamente sobre a expedição Franco-brasileira de 2001. Os artigos retratam desde o dia-a-dia do acampamento, aspectos interessantes das montanhas e os seus moradores até as últimas explorações na Gruta da Bocaina e a descoberta da Alaouf. São relatos emocionantes e divertidos que vão levar você a uma viagem a 2.064 metros de altitude. Como bem sintetizou Nelly: "uma paisagem virgem, um horizonte ilimitado, um silêncio que só nós rompíamos".

Ezio Rubbioli

Comissão editorial



Expedição franco-brasileira 2001

Pico do Inficionado

Mariana - Catas Altas - MG.

Equipe:

BAMBUÍ: Augusto Auler, Daniel Vianna,
Leandro Jonathas, Ezio Rubbioli, Lília
Senna Horta, Jorge Duarte Rosário e
Thiago Navarro Camargo.

EGB: Álvaro Barros e Gabriel

SP: Daniel de Souza e Hedmilson Doná

GSBM: Benoît Le Falher, Gilles Boutin, Guy
Demars, Jacques Sanna, Jean François
Perret, Joël Raiborg, Marc Faverjon,
Nelly Hazard, Olivier Sausse e Valérie
Tournayre.

Localização





No período de 27 de junho a 3 de julho de 2001 uma equipe de 21 espeleólogos brasileiros e franceses realizaram a maior expedição ao Pico do Inficionado, nos municípios mineiros de Mariana e Catas Altas. Foram sete dias na montanha, a mais de 2000 metros de altitude, explorando as mais profundas cavernas do Brasil.

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

CANDIDE À CARACA

NELLY HAZARD
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE



Parte da equipe francês-brasileira no início da subida ao Pico do Inficionado no dia 27 de junho de 2001. Foto: Jean François Perret.

Quarta-feira, 27 de junho de 2001

São 9:45h da manhã quando os primeiros caminhantes da caravana começam a se afastar do mosteiro, onde passamos nossa última noite “com todo o conforto” (cama confortável, mesa bem servida, água à vontade...) antes de montar o acampamento para os próximos 5 dias no Pico do Inficionado (alt. 2060m).

Mercredi 27 Juin 2001

Il est 9h45 ce matin-là, lorsque les premiers marcheurs de la caravane tournent le dos au Monastère, où nous venons de passer notre dernière nuit « tout confort »

(lit douillet, table généreuse, eau à volonté...) avant de planter le camp pour les prochains cinq jours au Pico do Inficionado (alt. 2060 m).

The exploration of the caves at Pico do Inficionado demands a lot of technique, equipment and fitness from the cavers. However, as can be seen in this article, the lack of these attributes do not prevent people from taking part in the expeditions. After all, helping to set the camp site and to

transport the equipment are also essential roles to the success of the exploration.

In this article, the day-by-day of the last French-Brazilian expedition is described, by the point of view of someone who worked on the backstage of the explorations.

Mas o que é que eu tinha em comum com meus 15 companheiros (Jef, Jacques, Guy, Valérie, Benoît, Marc, Joël, Gilles, Olivier, Ezio, Augusto, Daniel, Hedmilson, Álvaro e Gabriel) – espeleólogos fanáticos e apaixonados – em busca de “premières”, de abismos, de galerias e de rios subterrâneos?

Eles estão muito acostumados aos exercícios físicos, enquanto fazia mais de 5 anos que eu não desafiava o cume de uma montanha. Eles conhecem tudo da técnica e podem dormir nas paredes. Da minha parte, conseguia com sofrimento me pendurar na corda (sem fracionamento, por favor!). Cada um deles podia mostrar sua competência a uma das especialidades úteis à espeleologia (geologia, hidrologia, biologia, topografia, equipamento, resgate...) enquanto eu não tinha qualificação em nenhuma dessas áreas. Nada em aparência... Todavia, eu tinha pensado em tudo, quando nasceu no meu espírito, dezoito meses antes, o desejo de me juntar a eles.

Por que tal entusiasmo tão grande em querer ir “ao fim do mundo”, para simplesmente “ficar tranqüila na superfície, sem objetivo preciso, enquanto as equipes se esforçavam como ninguém dentro do seio da terra”? Simplesmente porque as motivações de cada um para participar de uma ação podem ser muito diferentes! As minhas estavam ligadas ao interesse e à curiosidade a respeito do “fenômeno expedição”: ver, entender, sentir qual era o motor dessas equipes (que integravam um conjunto de pessoas quase idêntico, desde que essas expedições haviam começado, em 1994). Compartilhar o cotidiano de um grupo solidário, com um objetivo comum, e essa amizade franco-brasileira que se perpetua ano a ano e se reforça a cada

encontro. Captar as emoções que passam no decorrer do dia, em função do desenrolar das operações, e perceber cada um, sob uma outra ótica que a do dia-a-dia rotineiro... E também pela simples curiosidade de descobrir uma terra desconhecida, terra sobre a qual eu ouvira tantas histórias apaixonantes desde a expedição pioneira de 1999 ao Caraça.

Como eu, a “cândida”, consegui me tornar um elemento de uma equipe de especialistas, no quadro de uma expedição, cujo objetivo requeria de seus membros qualidades bem específicas? Isso pode funcionar, graças à amizade e à fraternidade que existia em uma equipe simpática, que aceitou que eu pudesse compartilhar dessa aventura enquanto, de minha parte, era claro que faria o máximo para fazer na superfície o que eu não podia fazer sob a terra. Como a experiência da expedição anterior mostrou, uma das ajudas mais requeridas era o abastecimento de água. Então, eu seria a “carregadora de água”...

Quando se considera a importância da água para a sobrevivência de um acampamento, esse papel bem que me agradou bastante. Fica claro que a água não falta no Caraça: ela circula sob nossos pés, atravessa, fura, esculpe o mundo subterrâneo, terreno de ação dos meus companheiros... Mas, na superfície, esta é uma outra história!

O primeiro ponto de água subterrânea, nesta época do ano, se encontra a -80 m, na Gruta do Centenário, enquanto cada ida e volta até o acampamento, necessita de mais ou menos uma hora.

Ainda existe uma outra possibilidade para captação de água nos arredores do acampamento: uma fonte que entrega seu “tesouro”, gota-a-gota: demora meia-hora para produzir 7 litros! Para abastecer o acampamento de 16 a 21 pessoas com água

suficiente para a higiene pessoal mínima, a cozinha, para lavar as vasilhas, para beber na superfície e dentro da gruta e para as lanternas de carbureto, eram necessários cerca de 100 litros de água por dia.

Mas para chegar até o acampamento – a terra prometida – não precisava andar em cima da água, mas sim “comer pedras”. E eu já estava sofrendo como se isso fosse a minha “première” antes de ter chegado. Enquanto todo mundo avançava como cabrito montês, cheio de alegria, eu comia pedras. Não me faltava alegria, esta estava no meu coração e na minha cabeça, mas minhas pernas não queriam saber de nada disso! Por sorte, umas mãos caridosas me permitiram atingir o objetivo. Eram 15 horas quando eu pude, enfim, dominar pelo olhar a imensidão e a magnificência do lugar. Uma paisagem virgem, um horizonte ilimitado, um silêncio que só nós rompíamos. O acampamento já estava se instalando e havia água suficiente para a noite. Precisava ainda consolidar o abrigo do acampamento – lugar de reunião para a organização das expedições, as refeições e as trocas animadas após as voltas das explorações – e encontrar lenha para acender a primeira fogueira, inaugurando nossa chegada. Calor bem vindo para suavizar a mordida do frio desse fim de dia. Nessa noite todo mundo foi dormir cedo. Para o primeiro dia, os nossos objetivos a estavam cumpridos.

Cada dia teria seu objetivo e cada equipe sua missão.

A cada dia eu veria as equipes saírem para as profundidades, com suas respectivas missões, enquanto eu ficaria lá em cima para cumprir a minha imutável rotina... imutável, mas não sem interesse, pelo que ela ia me permitir viver. De quinta até a segunda-feira minhas



Trilha de acesso ao Pico do Inficionado. Foto: Jean François Perret.

atividades se harmonizariam com a saída e a volta dos grupos. Minha jornada ficou, então, pontuada pelo café da manhã e o jantar compartilhado em comum. Conseguimos até mesmo “réveillonner”... Mas isso faz parte da história de Jacques. Ele mesmo a contará!

A cada manhã o ritual era quase idêntico, mas cada manhã era também muito diferente da outra. O ar e a luminosidade eram diferentes, a luz e a expressão dos rostos eram diferentes, o ritmo também era diferente.

Às vezes o acampamento emergia lentamente de seu torpor e cada um saía da neblina matinal no mesmo ritmo do sol subindo ao céu. Em outras manhãs, o barulho das vozes e dos risos violentava a natureza ainda adormecida. De toda forma, o primeiro ponto de encontro era o café da manhã coletivo, caloroso e sempre copioso. Após o café da

manhã, uma reunião se organizava para repartir e preparar o material, arrumar as mochilas e constituir as equipes que se afastavam, em ondas sucessivas, para todas as direções nos cimos, rumo ao território a ser explorado. E quando a última silhueta desaparecia no horizonte, a minha missão começava – um pouco como a do assistente de teatro que ninguém nunca vê subir ao palco...

Em uma primeira etapa a superfície das montanhas se esvaziava, as fendas e os poços acolhiam os mais impacientes de seus primeiros visitantes do dia. Os diferentes habitantes cavernícolas recuavam frente à invasão, pois um outro ritmo começava. Embaixo da terra a atividade se fazia mais intensa, enquanto, na superfície a calma estava de volta e os ocupantes naturais do lugar retomavam a posse de seu território. E eu, sozinha nessa amplidão com fronteiras

insondáveis, tinha a impressão de entrar em um outro mundo: os pássaros, as borboletas e outros insetos tomavam o espaço ocupado há pouco pelo balé humano em efervescência.

Uma olhada circular me fez sorrir: o acampamento parecia uma sala de jogos desertada de repente por um grupo de crianças, uma cozinha saqueada por um gato esperto, um campo de batalha após a partida das tropas... O café derramado tinha por vizinho uma meia, esquecida por alguém; uma xícara vazia se encontrava perto de uma sacola de plástico rasgada, para guardar pó de carbureto; sacos de reservas alimentares esperavam, boquiabertos, a mão que os fecharia de novo, até o próximo assalto. Um pouco mais acima, no promontório que servia de ateliê, de escritório, de bar (...) equipamentos variados esperavam para uma próxima partida. Sob a lona, o bloco de pedra que servia de mesa desaparecia

embaixo dos sacos estripados e das vasilhas sujas. Do lado de fora da lona a fogueira cercada por blocos de pedra havia sido transformada em lixeira... As cinzas estavam recobertas de lenços de papel, de sacos de plástico, de invólucros de salame, de crostas de queijo que se consumiam, exalando um cheiro acre. As reservas de água, as garrafas e os galões estavam a seco.

Bom, ao trabalho!

Primeiro objetivo:

fazer o abastecimento de água.

Recuperei uma sacola de plástico suspensa em uma moita, coloquei todas as garrafas vazias, equipei os galões e os cordões para facilitar o carregamento. Fui depressa até o ponto de água que me indicaram ontem à noite. Eu seguia a crista da montanha até atingir as árvores e, em seguida, um caminho estreito e íngreme de terra até um arco onde líquens tingiam a rocha com manchas coloridas. Achei! Esse lugar parece uma gruta secreta se confundindo com a paisagem de fora. Ele oferecia um refúgio fresco e discreto, deixando filtrar com parcimônia os raios do sol, onde flutuava um cheiro de húmus.

Eu vi a fonte: a água saía no meio da rocha e corria formando um filete em uma bica improvisada, confeccionada com um pedaço da asa do avião que tinha caído anos antes, a uns 100 m do acampamento. Esse dispositivo permitia, efetivamente, uma recuperação mais fácil da água. Eu pus todos os recipientes e coloquei um primeiro galão. Durante o enchimento inspecionei o lugar. Depois eu coloquei o segundo galão e subi com minha primeira provisão rumo ao sol.

Quando cheguei perto da barraca, uma população variada de pássaros ocupava o espaço. Eles não pareciam ficar muito perturbados com a minha aproximação. A fim de não apavorá-los, evitei qualquer

gesto brusco, porque minha intenção era bem de aproveitar a presença deles. Sentei e observei: preto gaio, bege acinzentado, cinza pintado de cores... Eu não conhecia nenhuma dessas espécies.

Cada um parecia ter seu território de predileção e seu programa de ação: um deles se esforçava por acabar com as sobras do café da manhã; um pouco mais afastado um solitário se deleitava com o orvalho armazenado por uma planta formando um cálice. Focalizada nessa imagem... Sem câmera, porque agora que eu tinha me integrado ao meio natural deles, o menor gesto da minha parte os faria fugir. Meu olhar parou, meu espírito se foi... Embaixo da terra, onde eles estavam! O que eles estariam fazendo? Agora, as equipes não têm mais contato entre elas, cada uma está seguindo sua jornada em busca de seu objetivo. Será que fazia frio lá embaixo? Será que eles encontraram água?

A batida de asas de uma borboleta, flamejante de cores, aterrizando em uma pedra próxima a mim, fez-me lembrar que a hora de folga tinha acabado — eu precisava buscar mais água! Acabei com o charme para retomar as minhas atividades. Antes de descer de novo até a fonte, transferi o conteúdo do primeiro galão para o reservatório principal. O objetivo consistia em encher o reservatório antes do meio dia, para que ele esquentasse durante as horas quentes.

Ah! A água transbordou... Uns minutos tarde demais. Eu coloquei o terceiro galão e subi. Já eram 10 horas da manhã, o dia se anunciava muito quente. Os dias eram curtos e entre 10 e 16 horas era o momento mais quente e cheio de luz. Antes as brumas não haviam ainda se evaporado, depois o crepúsculo começava a “comer o céu” anunciando um pôr-do-sol que parecia um fogo de artifício. Não parecia mesmo que estávamos no inverno...

Um vai-e-vem em que se alternavam o enchimento do reservatório, a arrumação, as vasilhas, a limpeza da fogueira e a preparação do fogo me levaram, sem pensar, a fazer uma pausa para beliscar e me refrescar na fonte (porque não mee aproveitar do conceito “diretamente do produtor até o consumidor!”). Para esta viagem eu trouxe um bloco de anotações e uma câmera, porque a estadia seria um pouco mais demorada: era a seqüência da limpeza das garrafas (recobertas de terra ou de pó de carbureto), seguida pelo enchimento para a cozinha e para beber. Em alguns dias eu me aproveitava das delícias de um banho no meio da natureza nesse quadro bucólico. Porque, graças a um cantil amassado, eu podia conseguir em torno de um a dois litros a mais de água em pouco mais de meio dia, a partir de um gotejamento secundário da asa do avião.

Zoom embaixo da terra...

O que estava fazendo Jef, Augusto, Joël, Jacques, Benoît, Ezio, Valérie e os outros? Uma pausa para a refeição ou uma desventura para encontrar o ponto topográfico?

Cogitação interior (...que droga! Se eu tivesse trazido um mosquetão a mais... Eu achava que tinha trazido uma bateria de reserva...) ou jubilação (...é, olha! Venta! Existe uma passagem, vamos fazer a junção!). Mas tudo isso não passava de uma ficção... Tudo isso saía da minha imaginação, pois eu não estava com eles! Esta noite, enfim, quando eles estivessem de volta, eu ficaria sabendo o que eles tinham vivido, transcendido, ultrapassado, atingido, arriscado... Eu sentiria o cansaço deles, sua prostração e, às vezes, sua impaciência pelo dia seguinte, sua esperança de “première” e de recordes.



Agora, entre dois abastecimentos, eu ia me aproveitar do sol ainda quente, deitar numa rocha morna dirigindo meus olhos rumo a um céu sem nuvens, escutar os barulhinhos, os murmúrios do ar, o ruído das asas... Ou senão, com a câmera na mão, andar tranqüilamente até a beira do abismo, até que aparecesse no azul um primeiro filamento de nuvem que me avisasse que um outro momento se anunciava: ou colocar um pulôver para resistir ao primeiro friozinho do fim de tarde e ir buscar a lenha para a fogueira da noite, depois de ter fechado a barraca de dormir.

A busca pela lenha me levava sempre rumo a lugares menos conhecidos, permitindo-me descobrir uma fauna e uma flora diferentes daquelas que cobrem os pontos mais elevados do planalto, mas sempre sem poder nomeá-la... Os biólogos estavam embaixo da

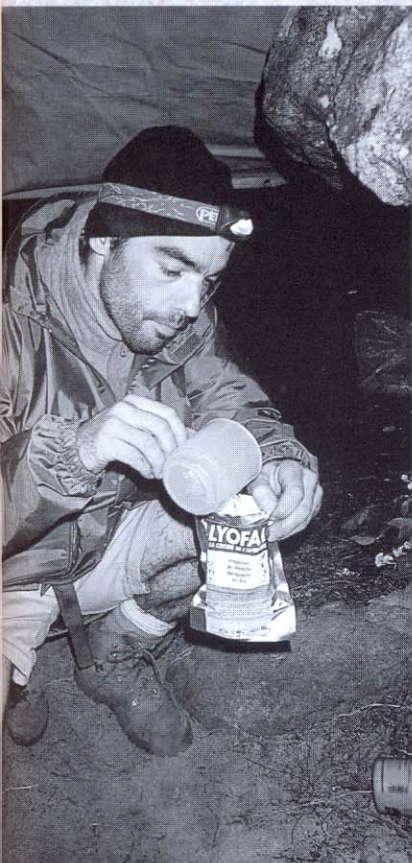
terra: a partida se jogava lá embaixo. Quando a provisão de lenha era suficiente, a última fase do dia começava: a partir das 17 ou 18 horas o frio se fazia mais penetrante, a umidade aumentava. Casacos de frio, corta-vento, luvas e gorros também faziam parte do equipamento completo.

Lá, no coração da Bocaina, o balanço do dia quase tinha acabado. A continuação se faria amanhã ou depois de amanhã. Como num formigueiro, as colônias iriam recomençar a caminhada para chegar até a superfície. A terra iria se esvaziar de seus bípedes para deixar de novo a prioridade aos cavernícolas... Aqui no acampamento, fazia mais de uma hora que o piado dos pássaros se tornava mais raro porque eles haviam retornado aos seus abrigos até amanhã de manhã. As formas se deformavam e se transformavam

no decorrer do percurso do sol no céu... Aliás, o sol ia desaparecer em breve no horizonte, deixando lugar ao crepúsculo. Era a hora "entre cão e lobo". Mas aqui não tinha nenhum deles... À exceção do lobo do mosteiro, que não nos visitou, o que foi uma grande pena.

Daqui a uns minutos... Ou umas horas... O grupo iria se reconstituir na superfície. As equipes, ricas de suas descobertas e de suas vitórias, sob a rocha e a água, iriam, talvez, compartilhar e trocar suas emoções e conquistas. Suas vozes e risos poderiam ser ouvidos sob a barraca e em volta da fogueira.

Aliás, eu tinha que cumprir os últimos gestos de minha missão diária: buscar o último galão e, com um fósforo, acender o braseiro que iria esquentar nossas mãos, entorpecidas pelo frio, assim como a panela do jantar. Em seguida, também ficaria na sombra do grupo



Cenas do acampamento no Pico do Inficionado. À esquerda, a grande lona laranja que serve de abrigo, cozinha e ponto de reuniões. No centro, o preparo de uma refeição liofilizada para o jantar. Ao lado, o local de captação de água mais próximo do pico, onde pode-se observar o pedaço da asa do avião que serve de bica.

Fotos: Jean François Perret.

para captar os relatos de cada um e de entrar – por procuração – nesse mundo que estava me chamando...

De fato, teria a oportunidade de fazer uma curta incursão embaixo da terra - ou seria mais exato dizer, na entrada do Centenário - graças ao Thiago e ao Jorge, que me convidaram a segui-los enquanto eles fariam um reconhecimento dentro da "cavidade mítica", em busca de espécies cavernícolas. Dentro de uma galeria estreita encontraríamos, efetivamente, milhares de opiliões... (seria melhor não ter fobia de aranhas!)... Era uma cena fascinante!

Ainda recolheríamos algumas amostras de rochas para observá-las posteriormente, no quadro de seus estudos. Nesse momento, eu tive a confirmação de que meu interesse pela espeleologia era bem direcionado: os mistérios da vida subterrânea sob suas formas do reino mineral e animal. O aspecto

das performances físicas me limitava. Mas um desses aspectos não pode ser dissociado do outro. Lá estava meu dilema!

Uma outra experiência iria também enriquecer minha estadia: operadora de rádio na operação de resgate. Este evento será contado por Jacques (você sabe, o dia do "reveillon" no acampamento. Jef se lembra disso!). Eu já tinha servido de "cobaia" durante um exercício de resgate. Quando não se trata mais de um exercício, mas de um fato real, as coisas são diferentes. Mesmo sabendo que se trata, provavelmente, de um incidente e não de um acidente. A gente se esquece do frio, do cansaço, o tempo muda de escala. E, lá em cima, na saída da Bocaina, foi também Thiago que me fez companhia e que me ajudou a cuidar do fogo durante a espera, enquanto Olivier, Marc e Gilles iam buscar Valérie, Jacques e Guy.

Mesmo sem evento especial, cada dia foi rico de ensino e de alegria.

A riqueza foi além da riqueza dos homens, ao mesmo tempo de todos e de cada um. A diversidade, o jogo das diferenças, das oposições e dos complementos, o inesperado e o "mágico" indescritível, intocável.... Ou senão, só com o coração.

Cada instante memorável não foi necessariamente imortalizado em um filme ou em uma foto – pelos talentos complementares de Gilles e de Joël – mas muito mais no coração e na mente de cada um. E como eu havia imaginado TUDO dezoito meses antes, sem me arrepender nem reclamar, eu afirmo e assino: Foi genial! 



A campamento no Pico do Inficionado com várias barracas montadas ao redor da grande lona laranja.

Foto: Jean François Perret.

CANDIDE A CARACA

Nelly Hazard

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Mercredi 27 Juin 2001.

Il est 9h 45, ce matin-là, lorsque les premiers marcheurs de la caravane tournent le dos au monastère dans lequel nous venons de passer notre dernière nuit "tout confort" (lit duvillet, table généreuse, eau à volonté...) avant de planter le camp pour les cinq jours suivants au Pico do Inficionado (alt. 2060 m).

Qu'ai-je donc en commun avec mes 15 autres compagnons (Jef, Jacques, Guy, Valérie, Benoît, Marc, Joël, Gilles, Olivier, Ezio, Augusto, Daniel, Hedmilson, Alvaro et Gabriel) - spéléos acharnés et passionnés - en quête de premières, de puits, de galeries et de rivières souterraines?

Ils sont rompus aux exercices

physiques, alors qu'il y a plus de 5 ans que je ne me suis plus mesurée à un sommet. Ils sont férus en technique et pourraient dormir à même la paroi, tandis que je suis tout juste autonome sur corde (sans fractionnement, s'il vous plaît!). Chacun d'entre eux peut apporter sa compétence dans une des spécialités utiles à la spéléo (géologie, hydrologie, biologie, topo, équipement, secourisme...) alors que je ne suis qualifiée dans aucune de ces disciplines.

Donc RIEN, en apparence... Seulement, moi, j'ai pensé TOUT, au moment où a germé dans mon esprit, dix-huit mois plus tôt, l'envie de me joindre à eux.

Alors pourquoi un tel enthousiasme à vouloir aller "au bout du monde", simplement pour "se la couler douce en surface, sans objectif précis, pendant que les autres membres du groupe sueront sang et eau dans le ventre de la terre", penseront certains?

Et bien tout simplement parce que lorsqu'il s'agit d'entreprendre quelque chose, les motivations de chacun peuvent être bien différentes! Les miennes étaient guidées par l'intérêt et la curiosité pour le "phénomène Expé" : observer, comprendre, ressentir ce qui pouvait bien animer ces équipes (dont le noyau était presque identique depuis que ces expéditions avaient démarré en 1994); partager le quotidien d'un groupe soudé par un objectif commun et cette amitié Franco-Brésillienne qui se perpétue d'année en année et se renforce à chaque rencontre ; capter les émotions qui passent au fil de la journée en fonction du déroulement des opérations, et voir et apprécier chacun sous un autre jour que le quotidien routinier... Et puis aussi il y a la simple curiosité de découvrir une terre inconnue, terre au sujet de laquelle j'ai entendu tant de récits enflammés depuis l'expédition pionnière de 1999 à Caraca.

Mais alors comment, moi, la "candide", ai-je pu devenir un élément d'une équipe de spécialistes dans le cadre d'une expédition dont l'objectif demandait à ses membres des qualités bien spécifiques?

Cela a pu se faire grâce à l'amitié et à la fraternité existant au sein d'une équipe sympa, qui a accepté que je puisse partager leur aventure, étant entendu que j'allais faire le maximum pour apporter du dehors ce que je ne pouvais apporter sous terre. Compte tenu de l'expérience de la précédente expédition, il s'avérerait qu'une des tâches à accomplir en surface des plus appréciables serait sans doute l'approvisionnement en eau : je serai donc "porteuse d'eau"...

Quand on connaît l'importance de l'eau pour la survie d'un camp, ce rôle me plaisait bien.

Certes l'eau ne manque pas à Caraca : elle circule sous nos pieds, ruisselle, creuse, sculpte le monde souterrain, terrain d'action de mes compagnons... mais en surface, c'est une autre affaire!

Le premier point d'eau souterrain est à - 80 mètres dans la fracture du Centenario ; sachant que chaque aller/retour au camp demande environ une heure...

Un autre point d'eau accessible en superficie se trouve aux abords du camp. Il consiste en une source qui ne consent à livrer son "trésor" que goutte à goutte, soit environ 7 litres en une demi-heure! Une centaine de litres d'eau par jour s'avèrent pourtant nécessaires à l'approvisionnement du camp qui compte de 16 à 21 personnes, afin de permettre à chacun de faire une toilette minimum, la cuisine, la vaisselle, de se désaltérer sur et sous terre, et pour les lampes à carbure. Cependant, avant d'atteindre le camp de base - la terre promise - il nous fallait, non pas marcher sur l'eau, mais "bouffer du caillou". Et moi, ma première, j'étais en train de la vivre, avant même d'être arrivée sur le terrain. Pendant qu'ils progressaient tous comme des bouquetins pleins d'allégresse, je mangeais la terre. L'allégresse ne me faisait certes pas

défaut, elle était dans le cœur et la tête, mais elle délaissait mes jambes! Heureusement, des mains secourables m'ont permis d'atteindre le but.

Il est 15 heures lorsque j'embrasse du regard l'immensité et la magnificence du lieu.

Un paysage vierge, un horizon illimité, un silence que nous sommes les seuls à rompre.

L'installation du camp est déjà en cours. L'eau pour le soir a été puisée par le chef porteur brésilien. Il reste à consolider l'abri du camp - futur lieu de rassemblement pour les débriefings, les repas, et les échanges animés des retours d'explo - et ramasser du bois pour allumer le premier feu de joie inaugurant notre présence en ces lieux. La chaleur est la bienvenue pour adoucir la morsure du froid de cette fin de journée. Pour ce premier soir, l'extinction des feux se fera tôt, dès la fin d'une première approche des objectifs du lendemain.

Chaque jour aura son objectif, et à chaque équipe sa mission.

Ainsi je verrai quotidiennement partir les équipes dans les profondeurs, et je resterai là pour assurer mon devoir, immuable... immuable mais non dénué d'intérêt pour ce qu'il va me permettre de vivre

Du Jeudi au Lundi, mes activités se caleront sur le départ et le retour des équipes.

Ma journée sera donc ponctuée par le petit déjeuner et le dîner pris en commun. Ils nous arrivera même de "réveillonner"... Mais ça c'est l'histoire de Jacques. Il vous la racontera lui-même!

Chaque matin le rituel est presque identique, mais aussi à chaque fois tellement différent car l'air et la luminosité sont différents, l'éclairage et l'expression des visages sont autres, le rythme est autre.

Parfois le camp s'éveille lentement et chacun s'extirpe de la brume matinale au même rythme que le soleil s'élevant dans le ciel. Certains matins, les éclats de voix et de rire bousculent la nature encore endormie. Quoi qu'il en soit, le premier point de ralliement, c'est le petit déjeuner, convivial, chaleureux et toujours copieux.

Après le petit déjeuner, rassemblement pour la répartition et la préparation du matériel, le bouclage des kits, la constitution des équipes qui s'égrènent ensuite, par vagues successives, dans toutes les directions, sur les crêtes, vers leur futur champ d'action. Lorsque la dernière silhouette s'efface sur l'horizon, ma mission commence - un peu comme l'accessoiriste du théâtre que l'on ne voit jamais sur la scène...

Dans un premier temps, le terrain au dehors se vide, les failles et les puits accueillent déjà les plus impatients parmi les premiers visiteurs du jour ; les différents habitants cavernicoles se replient alors devant l'invasion de ces intrus. Un autre rythme se met ensuite en place : dans le monde d'en bas, l'activité bat son plein, alors qu'en surface le calme est revenu et les occupants naturels des lieux reprennent possession de leur territoire.

Et moi, seule sur ce vaste domaine aux frontières insondables, j'ai l'impression d'entrer dans un autre univers : les oiseaux, les papillons et les insectes ont remplacé alentour le ballet des humains en effervescence.

Un coup d'œil circulaire me fait sourire : le camp ressemble à une salle de jeux désertée brusquement par une bande d'enfants, une cuisine pillée par un chat rôdeur, un champ de bataille après le départ des troupes... Le café renversé voisine avec une chaussette oubliée, une tasse vide traîne non loin d'un sac à déchauler en plastique délabré, les sacs de réserves alimentaires attendent, gueule béante, la main qui les refermera jusqu'au prochain assaut. Un peu plus haut, sur le promontoire qui sert d'atelier, de bureau, de bar (...) des équipements variés semblent déjà prêts pour un prochain départ. Sous la tente, le bloc de pierre faisant office de table disparaît sous les sacs éventrés et la vaisselle sale. A l'extérieur de la tente, l'âtre constitué de plusieurs blocs de rochers, s'est transformé en poucelle... les cendres sont recouvertes de mouchoirs en papier, de sacs en plastique, de peaux de saucissons, de croûtes de fromage qui se consomment en dégageant une odeur âcre. Les vaches à eau, les bouteilles et les bidons sont à sec.

Bon, au boulot!

Premier objectif,
démarrer le plein d'eau.

Je récupère un sac en plastique accroché à un buisson, j'y enfourne toutes les bouteilles vides, j'équipe les bidons de ficelles pour faciliter le portage ; et je file au point d'eau qui m'a été indiqué la veille au soir. Je suis le chemin de crête jusqu'au moment où il plonge dans la cime des arbres, se poursuivant par un chemin de terre étroit et pentu, pour déboucher sous une arche de roche, puis de végétation dense parsemée de quelques taches de couleurs.

Découverte! Ce lieu ressemble à une grotte secrète ; confondu au paysage du dehors, il offre un refuge frais et feutré, laissant filtrer parcimonieusement les rayons du soleil, et il y flotte une odeur d'humus,

J'aperçois la source : l'eau sourd du talus rocheux et s'écoule en mince filet sur une gouttière de fortune, confectionnée dans un débris d'aile d'avion d'un appareil s'étant écrasé il y a des années à quelques centaines de mètres du camp. Ce dispositif permet effectivement une récupération plus facile de l'eau. Je dépose tous les récipients et met en place un premier bidon. Pendant le remplissage, j'inspecte les lieux. Ensuite, je fais de même avec le second bidon et je remonte avec ma première provision vers le soleil.

Lorsque j'arrive près de la tente, une population variée d'oiseaux occupe les lieux. Ceux-ci ne semblent pas être spécialement perturbés par mon approche. Il est vrai que j'évite tout geste brusque, mon intention étant bien de profiter de leur présence. Je m'assois et j'observe ; noir geai, beige cendré, gris tacheté de couleurs ... aucun d'entre eux ne m'est familier.

Chacun semble avoir son territoire de prédilection et son occupation favorite: l'un s'efforce de creuser une baignoire dans la terre sableuse pour y lisser ses plumes ; son voisin, perché sur une branche frêle d'arbuste, essaie d'en extraire des graines ; un troisième s'acharne sur les restes du petit déjeuner ; un peu plus loin, un

solitaire se délecte de la rosée recueillie par une plante formant un calice.

Arrêt sur image ... -sans appareil photo- car maintenant que j'ai intégré leur environnement, le moindre geste les ferait fuir. Mon regard se fige, mon esprit s'envole... sous terre. Où sont les autres? Que font-ils? Maintenant, les équipes ne se perçoivent plus, chacune dans son "trip" poursuit son objectif. Fait-il froid là-bas, dessous? Ont-ils rencontré l'eau?

Le battement d'aile d'un papillon flamboyant de couleurs se posant sur un caillou proche de moi me rappelle que l'heure de la relève a sonné - la relève de l'eau bien sûr! je romps le charme pour me remettre à l'ouvrage. Avant de redescendre à la source, je transvase le premier bidon dans une des vaches à eau; le but consiste à les remplir avant midi afin qu'elles chauffent pendant les heures chaudes.

Ah! Ca déborde... quelques minutes trop tard. Je place le troisième bidon et je remonte.

Déjà 10 heures du matin, chaude journée en perspective. Les journées sont courtes : entre 10 heures et 16 heures, c'est le moment le plus chaud et lumineux. Auparavant, les brumes ne se sont pas encore évaporées ; une fois passé 16 heures, le crépuscule commence à "manger le ciel", amorçant un coucher de soleil qui ressemble à un feu d'artifice. C'est vrai qu'ici, c'est l'hiver austral...

Quelques va-et-vient qui alterneront avec le remplissage des vaches à eau, le rangement, la vaisselle, le nettoyage de l'âtre et la préparation du feu m'amèneront, sans y penser, à faire une pause grignotage et à me rafraîchir à la source (rien de mieux que de profiter véritablement du concept "directement du producteur au consommateur!"). Pour ce voyage, je me suis muni d'un carnet de note et d'un appareil photo en prévision d'un séjour un peu plus long.

Et puis c'est la séquence de lavage des bouteilles (recouvertes de terre ou de chaux), suivie du remplissage pour la cuisine et le reste.

Certains jours, je savourais les délices d'une douche en pleine nature,

dans ce cadre bucolique. En effet, grâce à un astucieux calage d'un quart cabossé, je pouvais récupérer environ un à deux litres d'eau supplémentaires en un peu plus d'une demi-journée, à partir d'un écoulement secondaire de l'aile d'avion

Zoom sous terre ... que font Jef, Augusto, Joël, Jacques, Benoît, Ezio, Valérie et les autres? Pause restauration ou galère pour trouver le point topo?

Cogitation intérieure (-Et zut! si j'avais pris un mousqueton en plus... - Tiens, je croyais avoir pris une batterie de rechange ...) ou jubilation (-Eh, regarde! Ça souffle, y'a un passage. On va faire la jonction!). Mais tout ça, c'est fiction ... j'imagine seulement. Je ne suis pas présente parmi eux! Ce soir enfin, au retour, je saurai ce qu'il auront vécu, transcendé, dépassé, atteint, risqué... je percevrai leur fatigue, leur lassitude, leur frustration parfois, leur impatience du lendemain, et leur espoir de première et de record.

Maintenant, entre deux remplissages, je vais profiter du soleil encore chaud, m'allonger sur un rocher tiède, les yeux plongés dans un ciel sans nuage, écouter les crisements, les murmures de l'air, les bruissements d'ailes... Où bien, appareil en bandoulière, je marcherais paisiblement, au bord de l'abîme, jusqu'à ce que se profile dans l'azur un premier filament nuageux qui m'avertira que l'heure sera venue d'enfiler un pull pour faire écran à la première fraîcheur de la fin d'après-midi. Et j'irai glaner du bois pour la flambée du soir, après avoir refermé la tente de couchage.

La corvée de bois m'entraîne inmanquablement vers des lieux moins connus où je découvre une faune et une flore différente de celle qui recouvre le sommet du plateau, mais toujours sans pouvoir la nommer... Les biologistes sont sous terre : l'enjeu est sous terre.

Lorsque la provision de bois est suffisante, la dernière phase de la journée s'amorce : à partir de 17 ou 18 heures, le froid se fait plus pénétrant, l'humidité en plus. Polaire, coupe-vent, gants et bonnets viennent alors compléter la panoplie.

Là-bas, au cœur de Bocaina, les activités du jour seront bientôt bouclées. La suite des opérations sera remise à demain ou après-demain. Alors, d'ici peu, la fourmilière humaine se remettra en marche, en colonnes, pour rejoindre la surface. La terre se videra peu à peu de ses bipèdes et les cavernicoles pourront regagner sans plus tarder leurs lieux de prédilection... Sur place, au camp, depuis plus d'une heure déjà, le piaillage des oiseaux se fait rare car ceux-ci sont déjà dans leur abri jusqu'à demain matin, cependant qu'au ciel, des nuages se forment, se déforment et se transforment au gré de la course du soleil... qui ne devrait d'ailleurs guère tarder à disparaître à l'horizon avant que le crépuscule ne regagne ses droits. C'est l'heure "entre chien et loup". Mais ici, nulle présence de ce dernier n'a été à signaler... mis à part le loup du monastère qui ne nous a pas honoré de sa visite, à mon grand regret.

Dans quelques minutes... ou dans quelques heures... le groupe se reconstituera en surface. Les équipes, riches de leurs découvertes et de leurs victoires sur la roche et sur l'eau, échangeront et partageront peut-être leurs émotions et leurs conquêtes. Leurs voix et leurs rires trouveront sans doute du résonnant sous la tente et autour du feu.

D'ailleurs, il est temps que j'accomplisse les derniers gestes de ma mission journalière : chercher le dernier bidon et gratter une allumette sous le futur brasier qui réchauffera nos mains engourdis par le froid. J'en profiterai aussi pour mettre la marmite du dîner à chauffer.

Ensuite, quand ma tâche sera accomplie, je m'effacerai et j'écouterai les récits des uns et des autres qui ne manqueront pas de m'introniser - par procuration - dans ce monde qui m'interpelle....

En fait, un jour, l'opportunité se présentera à moi de faire une courte incursion sous terre, ou plus exactement à l'entrée du Centenario. Je devrais cette faveur à Thiago et Jorge qui m'inviteront à les suivre, alors qu'ils allaient faire une reconnaissance dans



Em poucos minutos o tempo pode mudar no Pico do Inficionado e no mesmo dia pode-se presenciar as quatro estações do ano. Foto: Jean François Perret.

"l'autre mythique" à la recherche d'espèces cavernicoles. Dans une cavité étroite, nous aurons l'occasion d'observer des myriades d'amblipiges, spectacle des plus fascinants... (mais qui est hautement déconseillé à toute personne ayant la phobie des araignées!). Puis nous avons recueilli quelques échantillons de spécimens divers de roches qui seront soumis à des études ultérieures.

C'est à ce moment-là que j'ai eu confirmation que mon intérêt pour la spéléo était bien ciblé, mes préférences allant aux mystères de la vie souterraine sous ses deux règnes : minéral et animal.

Le côté "performances physiques" me limite. Mais l'un ne va pas sans l'autre... Et c'est bien là mon dilemme!

Une autre expérience viendra enrichir mon aventure : celle de relais radio dans le cadre d'une opération d'auto-secours. L'événement, c'est Jacques qui vous le racontera (vous savez, l'épisode du "réveillon" au camp, Jef s'en souvient!).

Avant ce jour, j'avais déjà joué le rôle du "cobaye" pour un exercice de secours. Or cette fois-ci, il ne s'agissait plus d'un banal exercice, mais bien de la réalité. Alors, au niveau des tripes, les sensations étaient autres, même si on restait persuadés que ce n'était

probablement qu'un incident, et non pas un accident.

Dans ces cas-là, on en oublie le froid, la fatigue, et le temps change d'échelle. Et là-haut, à la sortie de Bocaina, c'est aussi Thiago (salut Thiago!) qui m'a tenu compagnie et aidé à entretenir le feu pendant l'attente, pendant qu'Olivier, Marc et Gilles allaient à la rencontre de Valérie, de Jacques et de Guy.

Même en l'absence d'événement marquant, chaque journée aura été riche d'enseignements et de joie.

La richesse se sera manifestée, au-delà de la richesse propre à chacun d'entre nous, par la diversité, le jeu des différences, des opposés et des complémentarités, par l'inattendu et la "magie" indescriptible, insaisissable... ou seulement par le cœur.

Chaque instant mémorable n'a pas forcément été immortalisé sur pellicule ou sur papier - grâce aux talents conjugués de Gilles et de Joël - mais ils resteront dans le cœur et l'esprit de tous. Et lorsque j'avais pensé TOUT il y a dix-huit mois, j'avais raison, et c'est donc sans remords ni regrets que je persiste et je signe... c'était génial!

Ω

Desatenção a Bocaina

Caraça, Minas Gerais

Jacques Sanna

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Although it can not be considered a maze cave, Gruta da Bocaina can confuse those who does not know it well. The difficulties of the exploration, the intense cold and the physical exhaustion due to the long hours inside the cave, only add to this problem. The author describes the episode when a team could not find its way out of the cave, and had to wait for several hours for a rescue team. A conscious self-criticism, where the incident is analysed in detail.

Quarta-feira

27 de junho de 2001 – 10:30h

Éramos um grupo franco-brasileiro de 16 pessoas: Valérie, Nelly, Guy, Jean-François (Jef), Benoît, Marc, Joël, Gilles, Olivier, Jacques, Augusto, Ezio, Daniel, Hedmilson, Álvaro e Gabriel. Iniciávamos nossa aventura no Santuário do Caraça – Santa Bárbara – MG (alt. 1270m). Este parque natural é um lugar de destaque do patrimônio religioso, cultural e artístico do Brasil. Com as mochilas bem equilibradas nas costas, a caminhada começou na planície rumo ao maciço de quartzito (arenitos silicosos) do Pico do Inficionado (alt. 2060m). Além das 16 cargas pessoais (em torno de 350kg), 200kg de material e de mantimentos foram trazidos por uma equipe de 8 carregadores, já que não foi possível usar o serviço do helicóptero, como desejávamos. Cada pessoa tinha um ritmo próprio, e logo uma longa fila de

caminhantes carregados se perfilou até os limites do horizonte. Foi, sem dúvida, uma caminhada longa e cansativa. Uns a fizeram em 3:30h. Para os últimos, dentre os quais eu estava, o percurso demorou 5h. Mas pouco importa. O objetivo foi alcançado e o prazer de estar neste lugar, privilegiado de paz, onde vibra uma energia mineral e vegetal, tinha um preço bem mais alto do que os esforços feitos. O acampamento foi montado seguindo o ritmo natural de cada um. As barracas invadiram todas as áreas planas desse cume, onde a rocha era onipresente e deixava apenas um pouco de espaço para a vegetação persistente e resistente (campo rupestre). A grande lona laranja também foi montada para servir de espaço coletivo, onde seriam tomados os cafés da manhã, as refeições, e onde seriam debatidas as descobertas realizadas por cada equipe.

O momento do jantar chegou e

a noite também. Ela estendeu sua roupa avermelhada para, em seguida, tornar-se escura e cheia de estrelas. Eram 19 horas e uma temperatura de 9°C nos obrigou a equiparmos com gorros, pulôveres e corta-ventos – porque tinha muito vento, o que criou um clima frio, a que não estávamos acostumados na Bahia. O plano para o dia seguinte estava pronto. Duas equipes iriam nas fendas, uma outra faria as prospecções e a logística do acampamento seria deixada para Nelly. Ela escolheria os menus e iria buscar água (pH 5 a 7) rara nessa altitude, e se aproveitaria desse lugar natural e sem idade (2 bilhões de anos).

Quinta-feira – 28 de junho

Depois de uma noite úmida e fria, encolhidos dentro de nossas barraquinhas, os benéficos raios de sol nos animaram a sair e a nos espalhar por todo lado. O café da manhã nos permitiu começar o dia todos juntos.



Uma equipe formada por Benoît, Olivier, Joël, Álvaro (Brasília) e eu seguirá uma rede de galerias descobertas na Gruta da Bocaina pelo Grupo Bambuí ao curso de suas explorações do ano 2000. Ela está situada ao norte da entrada principal P116 m. Um desmoronamento forma um enorme caos que obstrui a passagem. É necessário se aventurar repetidamente entre essas toneladas de rochas antes de conseguir encontrar um caminho mais fácil. Descemos uns 30m já conhecidos antes de chegarmos no ponto B16. Lá se encontra um salão onde a água corre no ritmo de um litro/minuto, formando um pequeno afluente que se encontra em seguida com a torrente principal desta drenagem.

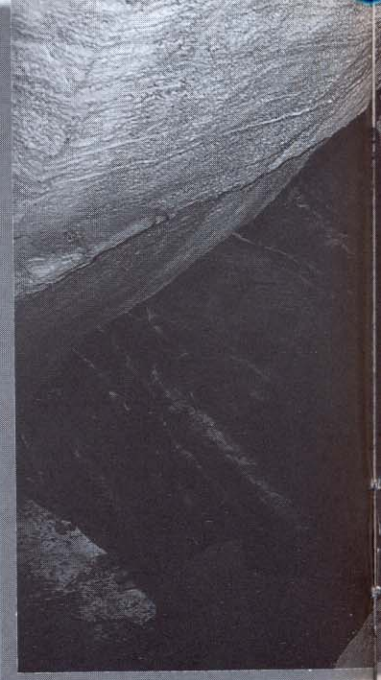
Segui atrás de meus companheiros sem prestar atenção às sutilezas das passagens que acabávamos de atravessar. Chegamos ao término atingido pela equipe do Bambuí em 2000.

Após um desnível de 7m encontramos a continuação. De escaladas em desníveis e de passagens entre os blocos, a fratura se tornava, às vezes, bem estreita.

Continuamos nossa progressão descendo às vezes poços de 20 a 30 m, entre essas duas paredes de quartzito. Passamos por corredores longos, de 50 a 100 m, pisando num pó de quartzito que deixava a impressão de que um tapete branco havia sido desenrolado lá para nós. No final desse percurso paramos em um desvio que descia uns 15 m e que precisava ser equipado. Nesse lugar, a ação da água durante milhares de anos talhou na rocha dura formas parecidas com as que se encontram no calcário, que é uma "rocha mole". Em cima dos blocos engatados aqui e ali, nos pontos de escoamento das gotas d'água, formavam-se "caixas de jóias", onde cristais de quartzo estavam incrustados. Estes foram

alisados e modelados à mercê do tempo como jóias, que fossem apresentadas à luz de nosso olhar. Embaixo desse pequeno cânion percorrido pela água seguimos o rio, que nos levou até um desmoronamento onde a fenda se tornava mais larga. Descemos e encontramos de novo o rio que continuava a correr num desnível de uns 20 m. Como faltavam cordas, foi decidido parar por ali. Somavam-se assim 300 m de extensão a esta forma geológica criada mecanicamente pelo movimento tectônico dessa região.

Nesse ponto, onde uma escalada perigosa interrompeu nossa progressão, era possível enxergar a luz do dia que penetrava pela abertura no alto da fenda, 37m acima. Onde estaria esse novo acesso? A equipe decidiu, então, se dividir. Álvaro e eu voltamos para trás, enquanto Benoît, Olivier e Joël se encarregaram da topografia do percurso descoberto.



O circuito de volta foi fácil, à exceção de uns poços, onde o equipamento não ajudou tanto quanto na descida. É verdade que, quando o contexto é diferente, as dificuldades aparecem, sob um outro ângulo. Contudo, conseguimos chegar até o famoso ponto topográfico B.16. Álvaro abria o caminho enquanto eu o seguia de perto. Devido à minha condição física (prótese total do quadril direito) toda a concentração era requerida para passar nos obstáculos delicados. Na dianteira, Álvaro se confundia a respeito da continuação que levava até a base da vertical de 116m e, como eu não tinha prestado atenção na ida, não podia ajudá-lo. A conversa levou nossas vozes para longe dentro da fenda e, por sorte, chegaram aos ouvidos do Ezio que se encontrava em baixo do abismo de 116 m. E foi assim que conseguimos chegar sem problemas até ele, guiados pela sua voz. Estava feliz por estar próximo à saída; a subida do poço constituía só uma formalidade automática.

23:00h – O retorno rumo à lona laranja fez-se sob as estrelas e o silêncio, com a luz de nossas lanternas remanescentes. Benoît, Olivier e Joël regressaram por volta de 2 horas da manhã e acabamos o dia iniciando um outro em volta de uma refeição bem vinda.

Sexta-feira

29 de junho – 8:30h

Fisicamente eu não me sentia bem: dores musculares e tendinosas. Minha articulação artificial e seus arredores não apreciaram nada essa seção de ultrapassagem excepcional da minha condição atual – claro que foi por minha própria vontade. Após ter recuperado uma mobilidade aceitável e depois de um café da manhã copioso, decidi acompanhar na superfície o grupo composto por Joël, que filmava nossa aventura, Olivier, Benoît e Marc, que tiveram por objetivo descobrir essa nova entrada, vista no dia anterior ao final da exploração.

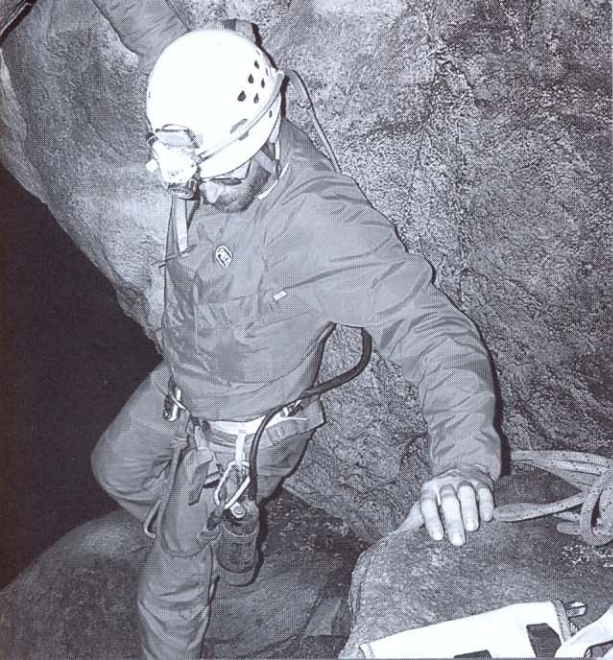
Voltamos à boca da Bocaina. Caminhamos por uma trilha pouco visível no meio da vegetação luxuriante, onde o frescor era intermitente. Chegamos em cima da imponente fratura. Dessas alturas conseguimos distinguir, com a ajuda de um reconhecimento aproximativo no mapa e de uma estimativa dada pelo GPS, a possível localização do ponto procurado. Os rádios transmissores são de uma preciosa utilidade nesse tipo de prospecção; enquanto os grupos estão separados, fraturas e distâncias impedem as comunicações pelas vias normais.

As buscas pela nova entrada, que encurtaria o incômodo caminho dentro da gruta para chegar até o ponto final da exploração, prorrogaram-se durante uma parte da tarde. Depois de horas de prospecção, finalmente encontramos a nova entrada da Bocaina. A vertical de 37m vista no dia anterior foi equipada por meus amigos enquanto eu observava, de uma parte mais elevada, eles desaparecerem um após o outro dentro da boca da rocha.

Sábado – 30 de junho.

Várias equipes se formaram nesta manhã ensolarada. Eu fazia parte de uma delas, com Valérie e Guy. Nosso objetivo consistia em desequipar toda a parte descrita anteriormente, assim como realizar alguns “clichês” desse novo circuito. O sentido da progressão se faria a partir da vertical de 37m (que seria desequipada por uma outra equipe depois da nossa passagem) rumo à entrada do P.116, o que significava que nenhuma volta para trás seria possível.

Percorremos todas as áreas já conhecidas, parando várias vezes para fotografar aspectos característicos dessa formação rara no mundo. Chegamos até o desnível de 7m equipado por nossos amigos brasileiros em



Em vários locais as galerias da Gruta da Bocaina são preenchidas por toneladas de blocos abatidos que, além de obstruir as passagens, podem camuflar o caminho correto. Fotos: Jean François Perret.

2000, enchendo nossas mochilas com o equipamento recuperado. Valérie e Guy não conheciam essa rede. Como era o único que havia participado da sua exploração, caminhei à frente do nosso trio.

Acima dessa última corda enxergamos a luz do dia, que chegava até nós pela entrada superior da fenda. Antigos ninhos feitos por andorinhões, que invadem esses lugares durante a nidificação (de agosto até dezembro) ainda continham cascas de ovos esvaziados de seu conteúdo. Eram 17:30h e eu levava meus amigos rumo ao que me parecia ser o caminho certo até a saída. De repente, uma dúvida tremenda tomou conta de mim. Percebi, com muito receio, que tinha esquecido como sair dali.

Nesse momento minha cabeça estava em ebulição e logo entendi o porquê dessa situação. Na primeira vez que tinha passado por ali, usei toda a minha energia para superar os vários obstáculos com a maior prudência, e a minha atenção não estava voltada para as passagens-chaves desse circuito. Aliás, a idéia de um risco de luxação da prótese, no fundo da Bocaina, estava presente, e eu fiz de tudo para que ela não se concretizasse. A consequência dessa desatenção agora justificava o meu esquecimento.

Tentamos todas as possibilidades oferecidas: pela esquerda, pela direita, por baixo, por cima... Mas nada fez a minha memória voltar, pelo contrário: uma grande confusão me invadiu e tudo se tornou cada vez mais vago nas minhas lembranças. Já se haviam passado duas horas e meia quando Guy me anunciou um ponto topográfico em cima de um bloco, no meio de um salão, onde escorregava um riachinho entre cristais de quartzo: o famoso ponto BI6. O lugar exato onde o Alvaro também havia perdido a direção da saída. Mas, infelizmente, desta vez o Ezio não estava por perto...

Cansado dessas buscas vãs, desorientado e com as idéias confusas, propus à Valérie e Guy descansar um pouco tomando uma bebida quente. Tentei me acalmar, juntar minhas lembranças e assim fui de novo sozinho explorar os diferentes acessos já percorridos várias vezes sem sucesso. Juntei-me aos meus companheiros e expliquei-lhes minha decisão de cessar as buscas para esperar que nossos amigos da superfície, viessem nos ajudar a sair desse labirinto de blocos.

21:00 horas — A umidade se expandiu por toda parte enquanto correntes de ar e uma temperatura de 13°C desencadeava ondas de

arrepio que nos obrigaram a tirar nossos cobertores de emergência. Tínhamos bebida, comida e carbureto. A situação era insólita, mas não catastrófica. Guy nos fez uma demonstração de seu talento de roncador, logo imitado por Valérie.

23:30 horas — Como não conseguia encontrar o sono, fiquei atento a todo barulhinho desse subterrâneo onde nós estávamos presos. Murmúrios longínquos chegaram até meus ouvidos e 10 minutos mais tarde podíamos ouvir distintamente a voz de Olivier. Ele estava chegando seguindo as pequenas passagens entre os blocos e a luz da sua lanterna apareceu acima de nosso acampamento improvisado. Marc e Gilles seguiam, sendo avisados que nós estávamos bem. A informação foi imediatamente transmitida pelo rádio para a equipe de superfície, que a enviou até o acampamento-base, no cume do maciço. Depois de ter explicado o porquê da nossa situação, eles nos fizeram sentir a absurdidade da mesma, com uns sentimentos de não aceitação dos fatos... Chegaríamos na lona laranja por volta de 2 horas da manhã desse domingo, 1º de julho. Jean-François tinha preparado Lyofals. Obrigado Jean-François!

Epílogo:

Às vezes, algumas situações se apresentam a nós. Essas são conforme o nosso estado de espírito do momento e manejas em consequência. Para aqueles que não compartilharam dessa realidade, a situação é percebida de uma outra forma. Tomar consciência disso e aceitar essa realidade — que é uma das particularidades da vida — não é fácil para qualquer um. Portanto, consiste numa das lições. Haverão outras, de que eu me lembrarei, dessa enriquecedora experiência que foi a Expedição 2001. 



INATTENTION A BOCAINA (Caraca, Minas Gérais) Jacques Sanna Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Mercredi 27 juin 2001, 10h30.

Notre groupe franco-brésilien est composé de 16 personnes : Valérie, Nelly, Guy, Jean-François (Jef), Benoît, Marc, Joël, Gilles, Olivier, Jacques, Augusto, Ezio, Daniel, Hedmilson, Alvaro et Gabriel. Nous débutons notre périple à partir du sanctuaire de Caraca – Santa Barbara, Minas Gerais, (alt. 1270 m).

Ce parc naturel est un haut lieu du patrimoine religieux, culturel et artistique du Brésil.

Les sacs à dos bien calés, nous entamons notre marche dans la plaine en direction du massif de quartzite (grès siliceux) du Pico do Inficionado (alt. 2060 m).

En plus de nos 16 charges personnelles (env. 350 kg) et faute de n'avoir pu obtenir l'hélicoptage préalablement envisagé, 200 kg de matériel et de vivres sont acheminés par les soins d'une équipe de 8 porteurs.

compte le plaisir de se retrouver en ce lieu privilégié de paix, où règne une énergie minérale et végétale qui vaut bien les efforts engagés.

On installe le camp à la cadence naturelle propre à chacun. Les tentes se mettent peu à peu à envahir toutes les zones planes de ce sommet où la roche est omniprésente, ne laissant plus qu'un espace très réduit à la végétation persistante et coriace (Campo Rupestri).

On hisse à son tour la grande bâche orange qui, une fois tendue, servira de point de ralliement à l'ensemble des troupes, où les petits déjeuners et les repas seront pris en commun, et où se tiendront les débats et les échanges d'idées sur les comptes rendus des découvertes réalisées par chaque équipe.

Et c'est enfin le moment de dîner alors que le crépuscule fait son apparition. Tout d'abord en étendant son manteau rougeoyant avant de recouvrir les cieux de son obscurité en donnant naissance à une nuit noire et étoilée. Il est 19h, une température de 9°C allée à un fort vent oblige la joyeuse équipée à sortir les bonnets, les pulls et les coupe-vent car ce souffle ne fait qu'amplifier ce froid auquel nous n'étions pas habitués dans le Babia.

Chacun progresse à son rythme et très vite tout un chapelet de marcheurs lourdement équipés s'égrène à perte de vue.

Quelles que soient les circonstances, le trajet est long et fatigant.

Certains d'entre nous l'auront effectué en 3h et demie, alors que les derniers, dont je fais partie, auront besoin de 5h pour en venir à bout. Mais qu'importe, une fois le but atteint, seul

L'emploi du temps du lendemain est établi : deux équipes s'immisceront dans les fractures pendant qu'une autre se chargera de la prospection. Quand à l'intendance du camp, Nelly y veillera. Elle ordonnancera les victuailles, ira puiser l'eau (pH 5 à 7), rare à cette altitude, et se délectera de ces paysages au milieu d'un environnement varié et sans âge (2 milliards d'années).

Jeudi 28 juin.

Après une nuit froide et humide, encastrés dans nos petites tentes, les rayons bienfaisants du soleil nous engagent à en sortir et nous ne tardons pas à nous déployer de tous côtés. Le petit déjeuner nous permet de commencer la journée tous ensemble.

Une équipe, dont je ferai partie, formée de Benoît, Olivier, Joël et Alvaro (de Brasília) poursuivra les recherches en empruntant un itinéraire découvert par le Groupe Bambui lors de leurs séjours au cours de l'année 2000.

Celui-ci court au bas et au nord de la verticale de 116 mètres qui mène au pied de cette fracture de surface dénommée Bocaina.

A gauche, en ayant la corde dans le dos, un effondrement de blocs forme un énorme chaos qui obstrue le passage. C'est en se faufilant parmi ces tonnes de roches, et en renouvelant l'expérience à plusieurs reprises, qu'on parvient enfin à retrouver un cheminement plus aisé. Nous sommes descendus d'une trentaine de mètres, en suivant un itinéraire connu, et nous atteignons le point topo B.16.

A cet endroit se trouve une salle dans laquelle l'eau s'écoule au rythme d'un litre/minute en formant un petit affluent qui va rejoindre le cours principal de ce drainage.

Me trouvant derrière mes compagnons, je me contente de les suivre sans prêter attention aux subtilités des passages que nous venons de franchir.

Nous arrivons au terminus de l'équipe Bambui 2000 où après un ressaut de 7 mètres, la suite s'offre à nous. Nous alternons ensuite escalades et ressauts, et les passages entre les blocs. La fracture devient par endroits fissure étroite.

Nous progressons toujours en descendant parfois des puits de 20 à 30 mètres, entre ces deux parois de quartzite. Nous suivons des couloirs longs de 50 à 100 mètres, en marchant sur de la poudre de quartz donnant l'illusion qu'un véritable tapis blanc a été déroulé là pour nous.

Au bout de ce parcours, nous sommes arrêtés par un décrochement descendant d'une quinzaine de mètres, qu'il est nécessaire d'équiper. Ici, l'activité de l'eau, durant des milliers d'années, a sculpté dans cette roche dure des formes semblables à celles que l'on peut trouver dans le calcaire, beaucoup plus tendre. Sur les blocs coincés çà et là, aux points d'écoulement des gouttes d'eau, se sont formés des écrans sertis de cristaux de quartz qui semblent avoir été taillés et polis selon le bon vouloir du temps, et qui s'offrent à nos yeux ébahis comme des bijoux qui nous seraient offerts.

Au fond de ce petit canyon parcouru par l'eau, nous marchons dans l'actif qui nous conduit devant un élargissement de la fracture, au sommet d'un éboulis. Nous le descendons et retrouvons l'eau qui continue à s'écouler dans un ressaut d'une vingtaine de mètres.

Faute de corde, nous décidons de mettre un terme à l'exploration. Cependant, notre contribution permet d'ajouter 300 mètres de développement à cette formation géologique qui a été créée mécaniquement par le mouvement dû à la tectonique propre à cette région.

Au point où nous sommes rendus, il est possible de distinguer la fracture qui remonte sur 37 mètres et qui débouche sur le plateau, au grand jour.

Où se trouve donc ce nouvel accès ?

Notre équipe décide ici de se scinder en deux. Alvaro et moi-même rebrousserons chemin tandis que Benoît, Olivier et Joël se chargeront de réaliser la topographie du parcours découvert.

Le chemin du retour est aisé, bormis lors du franchissement de quelques puits pour lesquels l'équipement en notre possession s'avère moins efficace que lors de la descente. Et oui, le contexte est différent et les difficultés apparaissent sous un autre angle lorsqu'il s'agit de remonter. Malgré les obstacles qui cherchent à nous

freiner, à nous retenir en ces lieux, nous réussissons tout de même à rejoindre le fameux point topo B.16. C'est à cet endroit précis qu'Alvaro, qui ouvrait la route pendant qu'à sa suite je m'évertuais avec la plus grande attention de venir à bout des difficultés du terrain, qui s'avéraient des plus ardues, à cause de ma condition physique précaire (prothèse totale de la hanche droite), se retrouve soudain dans l'embarras quand il doit reconnaître la suite qui mène à la base de la verticale de 116 mètres.

N'ayant guère prêté attention au parcours à l'aller, je suis bien incapable de lui venir en aide. Nous faisons alors plusieurs essais qui se révèlent tous infructueux. Par endroits, sa collaboration m'est précieuse car certains passages seraient par trop risqués si j'osais m'y aventurer seul. Le timbre de nos voix porte loin dans cette fracture et, par chance, le flot de nos paroles arrive aux oreilles d'Ezio qui, se trouvant au bas de la verticale, établit immédiatement le contact et se met à nous guider de la voix. Grâce à son aide providentielle, nous voilà bientôt à ses côtés sans encombre. Quand à moi, je ne suis pas fâché d'être proche de la sortie, la remontée du puits ne sera qu'une pure formalité. Nous entamons enfin notre marche de retour vers la toile orange. Il est 23 heures. Nous cheminons sous les étoiles et le silence à la lueur de nos flammes restantes. Une fois au camp, Benoît, Olivier et Joël nous rejoignent à leur tour vers 2h du matin, et nous achevons la journée tout en étreignant une nouvelle autour d'un repas bienvenu.

Vendredi 29 juin, 8h30.

Je suis physiquement mal en point. Je souffre de courbatures musculaires et tendineuses. Mon articulation artificielle et ses alentours n'ont pas du tout apprécié cette séance de dépassement, contraire à ma condition présente —dérégulation spéciale que je me suis moi-même autorisée, bien sûr !

Après avoir retrouvé une mobilité acceptable et ingurgité un petit déjeuner copieux, je décide d'accompagner, en surface, Joël le chasseur d'images et son groupe. En plus de notre caméraman, Olivier, Benoît et Marc qui feront aussi

partie de l'équipée, auront pour tâche de découvrir le nouvel accès entraperçu la veille en fin d'exploration.

Donc, retour à l'embouchure de Bocaina.

En suivant un sentier peu marqué au milieu de la végétation luxuriante où la fraîcheur y est résiduelle, nous surplombons finalement l'imposante fracture. Des hauteurs où nous nous tenons, nous parvenons à localiser, à l'aide d'un repérage approximatif sur la carte et d'une estimation donnée par le GPS, la présence possible du point recherché.

Les radios émetteurs sont d'un précieux secours lors de ces prospections où les petits groupes sont amenés parfois à être séparés par des mini-fractures et des distances qui empêchent les communications par les voies conventionnelles. Les recherches qui se prolongent durant une partie de l'après-midi, aboutiront à la découverte de cet accès qui permettra de poursuivre les investigations dans Bocaina. Et aussi de raccourcir la distance à parcourir le long d'un cheminement incommode à l'intérieur de la fracture, pour parvenir au point final de l'exploration.

La verticale de 37 mètres, aperçue la veille, est équipée par mes amis que je me contente d'observer du point élevé où je me trouve. Je les vois bientôt disparaître l'un après l'autre dans l'antre de la roche. Ils rejoindront le terminus de la veille et poursuivront la découverte où nous l'avons suspendue.

Samedi 30 juin

Plusieurs équipes se forment en ce matin ensoleillé. Je me joins à l'une d'entre elles qui comprendra aussi Valérie et Guy. Nous aurons pour objectif de déséquiper toute la partie décrite plus haut, et de réaliser quelques clichés de ce nouveau circuit.

Le sens de la progression se fait à partir de la verticale de 37 mètres, qui sera déséquippée après notre passage par une autre équipe, vers la verticale de 116 mètres. Donc, aucun retour en arrière ne sera possible. Le dénivelé est remonté et à notre passage, nous libérons cet espace naturel des agrès que nous avions placés lors de sa récente découverte.



Nous réalisons des clichés caractéristiques à cette formation peu répandue dans le monde. Nous nous acheminons ainsi, en ayant rempli nos kits de l'équipement récupéré, vers le ressaut de 7 équipé par nos amis brésiliens en 2000. Valérie et Guy ne connaissent pas ce réseau, je prends donc la tête de notre trio, étant donné que je suis un de ceux qui ont participé à son invention.

Au-dessus de ce dernier déséquipement, nous apercevons la lumière du jour qui émane du sommet de la faille où nous nous déplaçons. D'anciens nids érigés à même le sol sur les tas de guano d'hirondelles qui peuplent ces failles pendant la période de nidification s'étendant d'août à décembre, contiennent encore les coquilles d'œufs abandonnées par leurs ex-occupants. Il est 17h 30 et je guide mes amis vers ce qui me paraît être la bonne voie de sortie.

Soudain, un énorme doute m'envahit et je me rends compte, avec effroi, que je n'ai plus du tout souvenir de l'itinéraire à emprunter.

Je fais des efforts désespérés pour retrouver la mémoire qui me fait défaut. Dans mon esprit, l'analyse se déroule à un rythme fou, et très vite je prends conscience de la cause de tout cela. Lors

du pourquoi de la situation dans laquelle nous nous trouvons présentement.

Nous étudions toutes les possibilités qui s'offrent à nous, à gauche, à droite, en haut, en bas... Cependant, il faut se rendre à l'évidence : rien ne contribue à raviver ma mémoire. Bien au contraire, une grande confusion m'envahit et tout devient de plus en plus flou dans mes souvenirs.

2h 30 se sont écoulées à fouiller les lieux quand Guy m'annonce un point topo sur un bloc au milieu d'une salle où ruisselle un filet d'eau entre les cristaux de quartz : le fameux point B.16, l'endroit même où Alvaro s'était auparavant égaré en recherchant lui-aussi la direction de la sortie. Mais cette fois-ci malheureusement, pas de traces d'Ezio... Fatigué de ces vaines recherches, désorienté et les idées embrouillées, je propose à Valérie et à Guy de nous reposer un peu autour d'un bouillon chaud. J'essaie de me calmer un peu, de rassembler mes souvenirs, et je repars seul explorer les différents accès déjà parcourus à plusieurs reprises, mais une fois de plus sans succès. Je rejoins alors mes compagnons et leur explique ma décision de cesser les recherches et de patienter jusqu'à ce que

de mon précédent passage, j'avais utilisé toute mon énergie à franchir les nombreux obstacles de ce parcours avec la plus grande prudence, ce qui fait que mon attention ne s'était pas portée sur les points clefs de ce circuit. En effet, comme je craignais alors un risque de luxation de prothèse au fond de Bocaina, j'ai tout fait pour que ce scénario ne se concrétise pas.

C e c i expliquant cela, vous voilà au fait

de nos amis, en surface, viennent nous sortir de cette "impasse".

21 heures, l'humidité régnante, les courants d'air et une température de 13°C déclenchent des ondes de frissons qui nous obligent à sortir nos couvertures de survie.

Nous avons à boire, à manger, du carbure. La situation est insolite, mais pas catastrophique.

Guy nous démontre ses talents de ronsfleur, imité bientôt par Valérie.

23 h 30, ne parvenant pas à dormir, je reste attentif aux moindres bruits émanant du sous-sol où nous sommes bloqués, quand des murmures lointains se font entendre. J'en informe Valérie et Guy, et 10 minutes plus tard, la voix d'Olivier se perçoit distinctement.

Il s'approche en empruntant ces petits passages parmi les blocs et sa lumière apparaît enfin au-dessus de notre campement de fortune. Il est suivi par Marc et Gilles à qui il n'a pas manqué de communiquer que nous allions bien. L'Information est aussitôt transmise par radio-émetteur à l'équipe du dehors, et de là jusqu'au campement de base, au sommet du massif.

Après leur avoir expliqué le pourquoi du comment de notre situation, ils nous font bien sentir qu'à leur avis celle-ci était des plus absurdes. Et leurs propos étaient émaillés de quelques relents de non-acceptation des faits...

Après toutes ces péripéties, notre arrivée sous la bâche orange se fera vers 2 h du matin, dans la nuit du dimanche 1^{er} juillet.

Jean-François nous avait préparé des Lyofals. Merci Jean-François !

Epilogue

Lorsque certains cas de figure se présentent à nous, ceux-ci sont conformes à la situation du moment et sont donc gérés en conséquence.

Pour ceux qui ne partagent pas personnellement la réalité du moment, celle-ci est perçue sous un angle différent.

Prendre conscience et accepter cette vérité — qui est une des particularités de la vie — n'est pas facile pour tout le monde.

Pourtant, c'est une des leçons, et il y en a eu d'autres, que je retiendrai de cette enrichissante expérience que fut l'expédition BAHLA 2001. 

A NOVA ENTRADA DA

GRUTA DA BOCAINA

E O ENCONTRO COM O ET NO

PICO DO INFEICIONADO

Ezio Luiz Rubbioli

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas



equipe do dia anterior havia encerrado as explorações num salão amplo de onde era possível avistar uma grande entrada superior. O rio, que eles haviam seguido nos últimos 500 metros, agora se perdia no meio de um desmoronamento caótico. O caminho subia na direção de um amontoado desordenado de blocos com mais de 30 metros de altura, suficiente para confundir os espeleólogos e camuflar as possíveis continuações. Foi este o cenário que encontramos quando retomamos os trabalhos de topografia no dia 29 de junho de 2001.



Era a segunda etapa da expedição franco-brasileira. Depois de duas semanas na Bahia nos esbaldando com as grutas quentes e secas do sertão nordestino e uma breve passada em São Domingos (Goiás), era hora de mudar o “clima” da expedição. E nada mais radical do que o Pico do Inficionado, nos municípios mineiros de Catas Altas e Mariana. Em termos de técnicas de exploração, tipo de cavernas e até mesmo logística, não é possível encontrar nada mais contrastante. Desde do dia 27 já havíamos montado o nosso acampamento-base a 2.060 metros de altitude. A montanha estava congestionada de espeleólogos. Éramos 11 brasileiros, 10 franceses, uma dúzia de barracas, 1 km de cordas, duas furadeiras e algumas centenas de quilos de equipamentos e mantimentos. O objetivo principal era a Gruta da Bocaina, que já estava explorada até a profundidade de 404 metros e tinha boas opções inexploradas. Mas para “entreter” toda esta gente,

era necessário mais que uma simples caverninha. E, desde o primeiro dia, as explorações haviam sido direcionadas a outras áreas do maciço, que mostravam igual potencial. Em especial, uma grande fenda ao sul da Gruta do Centenário polarizava as atenções. Começavam as explorações do sistema que mais tarde receberia o nome de Alaouf. Mas isso é outra história... Vamos voltar à Bocaina.

Mesmo com a descoberta da nova entrada, preferimos refazer o caminho passando pelas galerias internas, a partir do abismo de 116 metros. Enquanto isso uma outra equipe tentaria encontrar um acesso por fora. O tal salão era o encontro de duas fendas paralelas e chegava a mais de 10 metros de largura. Pode parecer pouco, mas para as grutas em quartzito do Pico do Inficionado, qualquer coisa com mais de 1 metro pode ser considerada um “salão” (em geral as fendas variam de 30 cm a 1,5 metros de largura). Seguimos para o lado esquerdo,

onde um desnível indicava as melhores opções. O conduto estava quase completamente preenchido por blocos, embora uma forte corrente de ar confirmasse a nossa suspeita sobre uma possível continuação. Descemos um abismo de 15 metros, uma galeria inclinada e mais outro abismo de 6 metros no meio de um “quebra-corpo”. Já era possível ouvir novamente o barulho do rio e a esperança de uma boa descoberta contagiou a equipe. Mais uma passagem apertada e estávamos diante de um lance vertical de 25 metros, onde a galeria retomava o seu formato mais característico.

O padrão das grutas do Pico do Inficionado é bem marcante e sofre poucas alterações nas várias cavidades conhecidas: as fendas principais estão orientadas na direção leste-oeste, sendo interligadas por passagens secundárias – geralmente curtas e menores – na direção norte-sul. Essas galerias costumam ser

Located at Pico do Inficionado, Minas Gerais, Gruta da Bocaina is the second deepest and largest quartzite cave in the world, being only outclassed by its "neighbour", Gruta do Centenário.

In July 2001, yet another French Brazilian expedition was fielded to the area, with the aim (among other things), of continuing Gruta da Bocaina's exploration.

The article describes the finding of a new passage in the cave, with an independent drainage and leading to a new entrance at the other side of the cave.

Topo do abismo de 116 metros: acesso principal da Gruta da Bocaina.
Foto: Jean François Perret.

preenchidas por blocos e até mesmo sedimento na sua parte superior. À medida que descemos encontramos uma rocha mais "limpa" em que a drenagem entalha maravilhosas formas de erosão, conhecidas como "tuboágua". E quanto mais fundo, as passagens tornam-se mais estreitas e não são raros os locais onde temos que dividir o pouco espaço que sobra entre as paredes com o rio a 11°C.

Estávamos a 250 metros de profundidade e não era de se esperar que a gruta "fechasse" de uma forma abrupta. Em quase todas as galerias conhecidas, até o nível - 400, normalmente não encontrávamos grandes obstruções. Tentando fugir da água e da parte mais estreita do abismo fomos obrigados a descer na diagonal, fazendo uma oposição para manter a direção correta. Um tarefa nada agradável, principalmente quando se tem que apoiar as costas na parede molhada. Quase sempre um

La nouvelle entrée de Bocaina et la rencontre avec un ET sur le Pico do Inficionado.

*Ezio Luiz Rubbioli
Groupe Bambui de
Recherches Spéléologiques.*

L'équipe de la veille avait interrompu ses explorations dans une vaste salle d'où il était possible d'apercevoir une grande entrée au niveau supérieur. La rivière qu'ils avaient suivie le long de ses 500 mètres terminaux se perdait maintenant au milieu d'un éboulis chaotique de blocs désordonnés atteignant une hauteur de 30 mètres. Le chemin s'élevait en direction d'un amoncellement de roches propres à tromper les spéléos et à leur en cacher les suites éventuelles. C'est ce cadre qui nous attendait donc quand nous avons repris nos travaux de topo le 29 juin 2001.

Nous entamions à présent la seconde phase de l'expédition franco-brésilienne. Après deux semaines passées à Bahia à batailler avec les grottes chaudes et sèches du sertão nordestin et un bref passage à São Domingo (Goiás), l'heure était venue de changer "d'atmosphère". Et pour un changement radical, rien de tel que le Pico do Inficionado, dans les cantons mineiros de Catas Altas et Mariana. Lorsqu'il est question de techniques d'exploration, de type de cavernes et même de logistique, il est impossible de trouver nulle part ailleurs de lieu plus riche en contrastes. Depuis l'avant-veille, nous avions déjà installé notre camp de base à une altitude de 2060 mètres. Ce pan de montagne ne tarda pas à être tout embouteillé par un amas de spéléologues. 21 au total dont 11 Brésiliens et 10 Français, une demi-douzaine de tentes, un km de cordes, deux perceuses ainsi que quelques centaines de kilos d'équipements et de vivres. Notre intérêt premier devait se concentrer sur la grotte de la Bocaina qui avait déjà été explorée jusqu'à une profondeur de 404 mètres et qui recelait encore de belles possibilités de découvertes. Cependant, pour garantir "le bon moral des troupes", une modeste cavité n'aurait pas entièrement fait l'affaire. Voilà pourquoi, dès le premier jour, les explorations

avaient été dirigées vers d'autres espaces du massif dont le potentiel s'avérait aussi prometteur. Une grande faille située au sud de la Gruta do Centenário avait, plus que toute autre, retenu notre attention. C'est ainsi que commencèrent les explorations du système qui devait plus tard être baptisé Alaouf. Mais ceci est une autre histoire... Revenons à la Bocaina.

Ayant découvert la nouvelle entrée, nous avons néanmoins choisi de refaire le parcours en passant par les galeries internes à partir du gouffre de 116 mètres. Une autre équipe recherchait simultanément un passage du dehors. La salle en question devait son relief à la rencontre de deux failles parallèles et atteignait une envergure de plus de 10 mètres. Ce qui peut, à priori, paraître peu. Mais ne nous y trompons pas car, dans les grottes en quartzite du Pico do Inficionado, n'importe quel espace de plus d'un mètre peut déjà être considéré comme une "salle" (en général, les failles dont la largeur varie de 30 cm à 1,5 m). Nous avons opté pour le côté gauche où un dénivelé offrait de meilleures possibilités. Le conduit était presque entièrement encombré de blocs d'effondrement alors que le souffle d'un fort courant d'air nous laissait penser qu'une suite devait exister. Nous avons descendu un gouffre de 15 mètres, une galerie inclinée puis un autre abîme de 6 mètres au milieu d'un "brise-membres". D'où nous nous trouvions, il était de nouveau possible d'entendre le ruissellement de l'eau de la rivière, promesse d'une belle découverte qui ne manqua pas de nous contagier. Encore un passage étroit à franchir et nous nous retrouvions face à un obstacle vertical de 25 mètres où la galerie reprenait ses configurations les plus caractéristiques.

Celles-ci sont bien définies au sein des cavités du Pico do Inficionado et n'offrent guère de variations parmi les nombreuses cavernes connues. Les failles principales ont une orientation Est-Ouest et elles sont reliées entre elles par des conduits secondaires, le plus souvent courts et plus étroits, qui courent Nord-Sud. Ces galeries sont fréquemment envahies par des blocs et même par des sédiments dans leur partie supérieure. Au fur et à mesure de notre descente, on entrait en contact



Detalhes típicos das galerias da Guta da Bocaina: fendas altas e estreitas, drenadas por pequenos rios.
Fotos: Jean François Perret.



atrevido filete da água entra pela gola do macacão, atravessa no meio das costas e só termina a tortura quando sai por uma das pernas do traje, até então sequinho equentinho.

Enquanto equipávamos a série de abismos, parte da equipe havia ficado nas galerias superiores e escutou a presença da turma que veio por fora da gruta chegando no alto da fenda. Mesmo munida de GPS e mapa, não foi uma tarefa fácil encontrar esta entrada. Várias fendas atravessaram diante deles, obrigando-os a traçar um caminho sinuoso e complicado. E mesmo quando chegaram à entrada, só tiveram certeza de que era o mesmo local avistado no dia anterior depois de ter estabelecido comunicação com a equipe debaixo. Imediatamente o barulho da furadeira rompeu o silêncio da caverna e em pouco tempo tínhamos uma corda instalada no lance vertical de 37 metros. Agora, felizmente, o caminho de volta não teria que atravessar toda a caverna.

Enquanto isso, 120 metros abaixo, acabávamos de fixar a corda no abismo de 25 metros. A galeria tornava-se ampla, mas logo à frente, um novo desmoronamento tratava de preencher os espaços vazios. O rio voltava à cena, percorria uns poucos metros saltando de cachoeira em cachoeira e se enfiava numa fresta impenetrável. Não havia muitas esperanças de continuções... E nem tempo para procurá-las. O sol já estava baixo e a trilha recém-aberta não era suficientemente conhecida para ser percorrida à noite. Retornamos, deixando a topografia para depois.

À noite, no acampamento montado ao redor de uma grande lona laranja, os comentários principais giravam em torno da Alaouf. Afinal de contas estávamos diante de uma nova caverna com um grande potencial inexplorado. As equipes haviam sido barradas em dois pontos por abismos que deveriam ser equipados. O rio havia sido atingido e a gruta seguia firme

em seu trajeto descendente. Mas, além de a descoberta não comportar uma equipe mais numerosa, deveríamos completar a topografia da Bocaina.

Com a nova rota marcada, o caminho para o ponto final da Bocaina tornou-se um tarefa fácil e rápida. Simplesmente contornava-se o maciço pelo flanco norte, desviando de algumas fendas e encostas mais íngremes. O pior trecho era uma pequena escalada de uma saliência onde uma corda havia sido instalada. Nada demais às oito da manhã, depois de uma noite de sono e a barriga cheia. Mas à noite, depois de longas horas debaixo da terra, com frio e fome e podendo encontrar chuva e neblina pela frente, o cenário deveria ser bem diferente.

Chegamos no ponto final do dia anterior sem muitas esperanças de encontrar continuções. A parte baixa da galeria estava totalmente preenchida por um desmoronamento compacto. Acima, pairando sobre nossas



cabeças, imensos blocos se espremiam entre as paredes da fenda. Já que seguir pelo rio era impossível, galgamos alguns metros subindo naquele abatimento caótico. A galeria, embora larga, não deixava muitas possibilidades para avançarmos. Um pouco mais à frente, uma passagem apertada na lateral esquerda mostrava-se como a última opção. O piso despencava num abismo que não possui mais que 40 centímetros de largura. Instalamos a corda e descemos 25 metros entalados numa fenda onde mal dava para virarmos a cabeça. E o filete de água passando dentro do macacão que, a esta altura, já não estava tão quentinho e sequinho... A galeria continuava retilínea e cada vez mais estreita. Ufa!!! Um janela lateral surgia bem na hora, permitindo que mudássemos para a fenda do lado, que era mais larga. Descemos um novo abismo de 10 metros e recuperamos o rio. Que água fria!!! A galeria parecia se defender como

avec une roche plus "propre" dans laquelle le drainage avait sculpté de merveilleuses formes érodées connues sous la dénomination de "tuboaguas". Et plus on descendait, plus les passages se resserraient, allant jusqu'à atteindre une étroitesse telle qu'il n'était alors pas rare de devoir partager avec la rivière le peu d'espace qu'il nous restait entre les parois.

Nous nous étions aventurés à une profondeur de 250 mètres et rien ne laissait supposer que la grotte "ne se fermât" d'une manière abrupte. Dans presque toutes les galeries recensées à ce jour, jusqu'à 400 m de profondeur, aucunes obstructions sérieuses n'avaient jusqu'ici empêché la progression. En cherchant à nous éloigner du cours d'eau et de l'espace le plus réduit du gouffre, il nous a fallu descendre en diagonale, en opposition, afin de nous maintenir dans la bonne trajectoire. Un exercice des plus fâcheux, surtout quand nous étions obligés de nous adosser à la paroi ruisselante qui ne manquait presque jamais de laisser s'infiltrer par le col de nos habits, puis se frayait un chemin au beau milieu de notre dos avant de terminer sa course et notre torture par l'une des jambes de nos pantalons qui étaient auparavant sèches et chaudes.

Alors que nous étions en train d'équiper la série de gouffres, une partie du groupe qui se trouvait dans les galeries supérieures entendit l'équipe du dehors qui s'approchait de la faille. Ces derniers, pourtant équipés de GPS et d'une carte, avaient quelques difficultés sérieuses à repérer cette entrée. Plusieurs failles leur avaient barré la route et les avaient obligé à emprunter un itinéraire sinueux et compliqué. Et ils ne touchèrent au but en ayant la certitude d'avoir enfin rejoint les lieux aperçus la veille qu'au moment où ils établirent le contact avec l'équipe du dessous. Le bruit de la perceuse rompit alors le silence de la caverne et très vite une corde dont nous allions pouvoir disposer fut installée le long de la paroi verticale de 37 m. Grâce à elle, heureusement, nous n'aurions pas à retraverser toute la cavité pour en ressortir.

Au même moment, 120 m plus bas, nous venions d'équiper le gouffre de 25 m. La galerie s'élargissait mais, juste devant nous, un nouvel éboulis avait décidé de combler les espaces vacants. La rivière refaisait son apparition sur la scène, coulait sur quelques mètres en sautant de cascade en cascade avant de redisparaître dans un orifice infranchissable. Les chances de trouver une suite s'avéraient des plus limitées... De plus, le temps nous était compté. Le soleil était déjà bas dans le ciel et le chemin qui venait d'être découvert, encore trop méconnu, n'offrait pas assez de garanties pour être emprunté de nuit. Nous avons fait demi-tour en laissant la topo à plus tard.

La nuit venue, au camp de base installé autour d'une grande bâche jaune, les commentaires allaient bon train au sujet d'Alaouf. En fin de compte, nous avions mis les pieds dans une nouvelle cavité riche d'un grand potentiel inexploré. Les équipes avaient vu leur progression s'interrompre par des gouffres qui devaient être équipés. La rivière avait été rejointe et la grotte suivait fermement son trajet descendant. Cependant, et bien que l'équipe ayant participé à cette découverte ne fût pas plus nombreuse, parmi les tâches restant à accomplir figurait la topo de la Bocaina.

Une fois balisé le nouveau sentier menant à l'extrémité de la Bocaina, la marche d'approche y conduisant était devenue facile et rapide en contournant simplement le massif par le flanc nord, évitant ainsi les quelques failles et les versants plus escarpés. Le tronçon le plus pénible du trajet consistait en une brève escalade d'une saillie le long de laquelle une corde avait été fixée. Rien de tel qu'un exercice de la sorte, à huit heures du matin, après une nuit de sommeil et un p'tit déj dans l'estomac. Mais le soir venu, après de longues heures passées dans les entrailles de la terre, assaillis tantôt par le froid et la faim, tantôt par le brouillard et la pluie, le scénario pouvait s'avérer tout autre.

Nous étions parvenus à l'extrémité atteinte la veille sans grands espoirs de découvrir une suite. La partie basse de la galerie était toute encombrée par un éboulement compact. Plus haut, d'immenses blocs flottant au-dessus de nos

podia. Primeiro os blocos, depois os estreitos e agora um lago! Rumo ao desconhecido, o piso mergulhava, enquanto a água já alcançava o altura da nossa cintura. O conduto seguia perfeitamente reto e plano. Cem, cento e cinquenta, duzentos metros... Até que enfim uma luz no fim do túnel! Realmente uma luz! Uma clarabóia rasgava o teto da galeria enchendo de vida os tons monocromáticos da caverna. Um rio se enfiava novamente numa passagem baixa enquanto uma rampa de blocos se elevava em direção à saída.

Finalmente conseguíamos completar a travessia de uma drenagem subterrânea. Já havíamos explorado 7 drenagens no pico do Inficionado¹ e, com exceção desta, todas terminavam em passagens estreitas, desmoronamentos ou sifões². Pela primeira vez avistávamos o outro lado do maciço de dentro de uma caverna. O desnível de quase 1 km e o tempo limpo proporcionavam uma vista maravilhosa. Ficamos algum tempo nos deliciando com a descoberta e os sanduíches amarrotados que havíamos carregado por toda a caverna. Era um prazer comer sob a luz do pôr-do-sol.³ Mas ainda tínhamos um longo trabalho pela frente: a topografia. Neste momento a equipe resolveu se dividir. O Álvaro e o Gabriel tentariam uma via pelo lado de fora, seguindo uma fenda aberta que chegava à base do maciço, enquanto a Lília e eu nos encarregamos do mapeamento. Já era final de tarde e a equipe externa não teria muito tempo para encontrar um caminho até o acampamento. Se isso ocorresse, ou a trilha se mostrasse muito penosa, eles teriam que voltar por dentro da caverna a tempo de nos encontrar antes de desequipar os abismos. Acertamos um horário limite pelo qual deveríamos esperar para tirar as cordas e nos separamos desejando boa sorte.

O mapeamento mostrou-se uma tarefa mais demorada do que prevíamos. Além de estarmos somente em dois, a gruta possuía várias passagens laterais que consumiam rapidamente o nosso tempo. Ao chegarmos no pé da primeira corda já era mais de oito horas da noite e não haviam dúvidas de que a outra equipe havia se dado bem. Pelo menos foi o que imaginamos (leia nesta edição: Si je tombe, je suis mort...). Mesmo sabendo que não teríamos tempo para concluir todo o mapeamento naquele dia, resolvemos prosseguir com a trena até a parte superior do desmoronamento, onde as dificuldades praticamente terminavam. Assim poderíamos recuperar boa parte das cordas além de facilitar o trabalho das futuras equipes de topografia (que provavelmente seríamos nós mesmos). Saímos da gruta por volta de 10 da noite. Chegando no acampamento, ainda carregados de equipamentos até os dentes, cansados, sujos e molhados, tivemos que escutar um sermão dos colegas que haviam chegado mais cedo e estavam preocupados com o nosso atraso. E a repreensão só não foi maior porque a equipe do Jacques estava ainda mais atrasada. Eles haviam entrado na Bocaina para desequipar as galerias entre a nova entrada e o P116 e, provavelmente, estavam perdidos no meio de algum desmoronamento. Comemos rapidamente e fomos para a barraca descansar um pouco caso a situação se complicasse.

O sono veio rápido, mas a conversa do lado de fora da barraca não nos deixava dormir profundamente. Fragmentos de palavras em francês e português se misturavam como os meus sonhos. E, depois de algum tempo, já não conseguia mais separar a realidade da ficção...

- (...) estamos equipados... Vamos descer.

- Um ET. Eu vi um ET na entrada da caverna.

- Zzzz. Roooonnn.

- (...) encontrou a equipe. Já estão subindo. (...) tirar as cordas.

- O Jacques foi embora com a equipe do ET (...).

Não escutei mais nada e finalmente caí num sono profundo. O calor do saco de dormir envolveu o meu corpo a única coisa que vinha na minha mente era a entrada da Bocaina. Realmente um dia inesquecível... A descoberta de uma travessia sempre é algo inesquecível. Os trabalhos na Bocaina estavam praticamente concluídos, restando poucas galerias a serem topografadas próximas à nova entrada⁴. Mesmo tendo a certeza de que a gruta não teve seu desnível ampliado, as novas descobertas iriam praticamente dobrar o seu tamanho, assegurando uma destacada posição mundial entre as cavidades nesta litologia⁵.

No dia seguinte fiquei sabendo dos acontecimentos. A equipe do Jacques havia percorrido toda a caverna retirando as cordas. Quando chegaram próximo da entrada principal, o P116, não encontraram a passagem no meio dos blocos abatidos, ficando perdidos a menos de 20 metros do início da subida. Como não restava nada a fazer, resolveram sentar e esperar pela ajuda externa que chegou somente por volta da meia-noite. Felizmente, todos passavam bem e tudo não passou de um incidente sem maiores conseqüências. Ah... E o ET??? O Thiago, que havia ficando esperando o pessoal voltar da caverna próximo ao Pico, confundiu o Joel com um ser extra-terrestre. Também, numa noite escura, se deparar com um elemento esguio, com a cabeça careca e um "olho" luminoso no centro da testa deve realmente causar arrepios. E o pior é que ele quase pulou no abismo para fugir daquela estranha criatura que vagava em cima da montanha.

NOTAS

1. Nesta época já haviam sido explorados três rios no Centenário, um no Bloco Suspenso, dois na Bocaina e um na Alaouf.
2. No Centenário dois rios terminam em estreitos (a 400 e 406 metros de profundidade) e o último – e mais profundo – se perde no meio de um grande abatimento a 481 metros de profundidade. O rio do Bloco Suspenso termina num estreito a 171 metros abaixo da entrada. Na Bocaina a primeira drenagem teve as explorações interrompidas em um sifão (-404 m). E na Alaouf, como se veria mais tarde, o limite do rio – e da caverna – era um desmoronamento (-294 m).
3. Alguns anos antes, durante uma prospecção externa havíamos chegado bem próximo daquele local e descobrimos dois pequenos abrigos batizados de Paredão Leste I e II.
4. Esta topografia foi feita no dia seguinte, pela mesma equipe do dia anterior. Somente o Leandro entrou no lugar do Gabriel.
5. Depois de concluída a topografia, a Bocaina somou 3.220 metros de projeção horizontal e 404 metros de desnível, tornando-se a segunda maior e mais profunda caverna nesta litologia no mundo, só sendo superada pela sua vizinha, a Gruta do Centenário. 

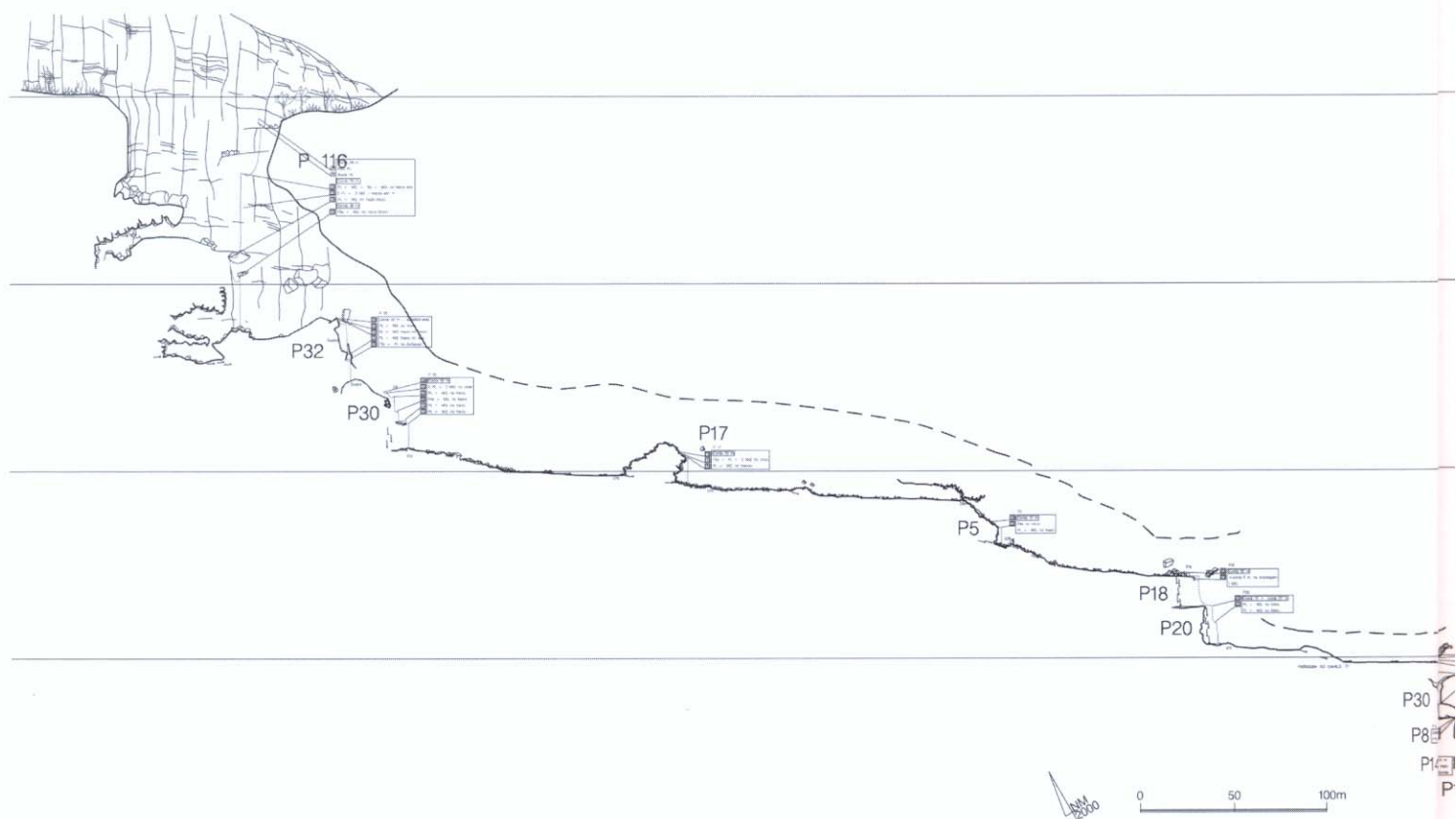
têtes étaient comprimés entre les parois de la faille. Le tracé de la rivière était quant à lui impraticable. Il ne nous restait d'autre choix que de gravir quelques mètres en grim pant sur cet éboulis chaotique. Malgré sa largeur, la galerie ne nous offrait guère de possibilités de progression. Un peu plus loin devant nous, un passage resserré dans la latérale gauche s'avérait constituer notre seule espérance. Le sol s'ouvrait sur un gouffre dont la largeur ne dépassait guère les 40 cm. Cette faille fut équipée et nous nous laissâmes glisser le long de la corde sur 25 m, emprisonnés dans la roche qui ne nous permettait quasiment pas d'esquisser le moindre mouvement de tête. Sans parler du filet d'eau qui nous parcourait l'échine, et qui déjà, n'avait pas tardé à nous refroidir et à nous mouiller comme des soupes... La galerie se poursuivait rectiligne en se resserrant de plus en plus. Heureusement, une lucarne latérale apparut au bon moment et nous permit de déménager dans la faille voisine qui elle, était plus large. Après avoir descendu un nouvel abîme de 10 m, nous avons rejoint à nouveau le cours d'eau. Celui-ci était gelé... La galerie semblait se défendre comme elle pouvait. D'abord les blocs, ensuite les failles en forme d'étaux, et maintenant un étang ! Allant toujours au devant de l'inconnu, le terrain accentuait sa déclivité à mesure de notre progression alors que le niveau de l'eau nous entourait déjà la taille. Puis le conduit continuait son chemin en ligne parfaitement droite et plane. Cent, cent-cinquante, deux-cents mètres... Et une lumière apparut enfin au bout du tunnel. Une véritable lumière ! Un aven déchirait le plafond de la galerie emplissant de vie les tons monochromes de la caverne. Une rivière s'infiltrait de nouveau dans un passage bas alors qu'une pile de blocs s'élevait vers le ciel.

Au bout du compte, nous avons réussi à accomplir la traversée d'un drainage souterrain. Avant celui-ci, nous en avions déjà exploré sept autres au Pico do Inficionado et, mis à part ce dernier, tous s'achevaient en cul-de-sac, par des éboulis ou des siphons. Pour la première fois, nous avions aperçu l'autre versant du massif depuis l'intérieur d'une cavité. Le dénivelé

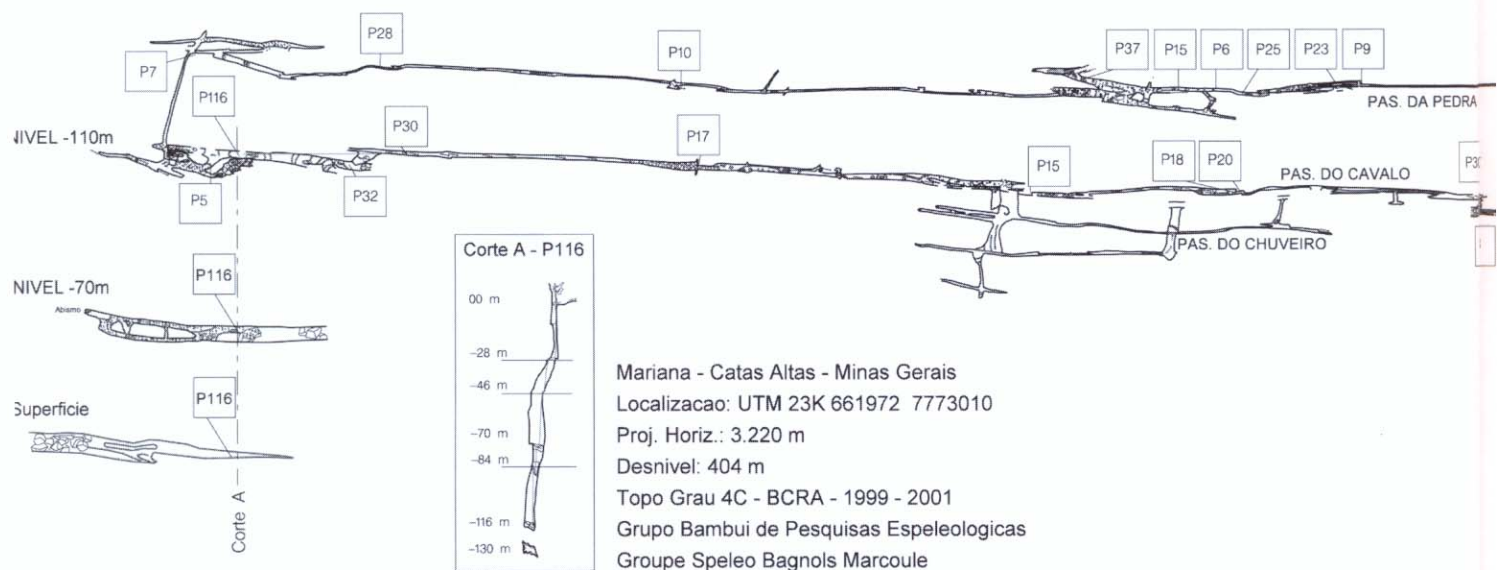
d'environ un km allié au temps dégagé nous permettait de jouir d'un panorama magnifique. Cette découverte fut appréciée comme il se devait. Nous sommes restés un bon moment sur place en profitant de l'instant pour avaler nos sandwiches que nous avions conservés à portée de la main tout au long de la journée, et nous admirions le paysage devant nous. Quel plaisir il y avait à casser la croûte à la lumière d'un coucher de soleil ! Mais il nous restait encore un long labeur à accomplir : la topo. Afin de mener à bien cette tâche, il fut décidé de scinder l'équipe. Álvaro et Gabriel se chargeraient de trouver un passage du dehors alors que Lilia et moi-même aurions la responsabilité de la cartographie. La journée touchait à sa fin et l'équipe du dehors n'aurait que très peu de temps pour trouver un chemin jusqu'au camp. Si toutefois ils y parvenaient, ou si le sentier s'avérait des plus pénibles, ils devraient alors nous retrouver à temps dans la caverne avant de déséquiper les différents points de passage. Nous nous étions mis préalablement d'accord sur un horaire limite à respecter avant de récupérer les cordes. Ensuite, nous nous sommes séparés en nous souhaitant bonne chance.

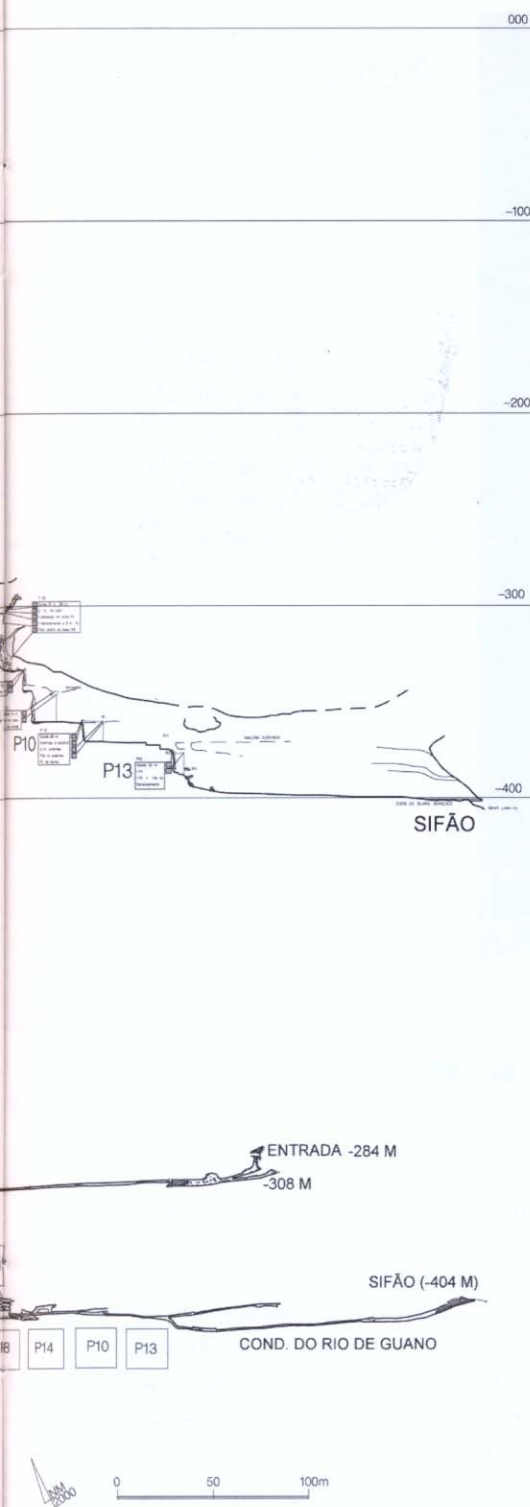
La topo se révéla plus longue que prévue. Ajouté au handicap de n'être que deux pour la mener à bien, la grotte possédait plusieurs passages latéraux qui nous faisaient perdre un temps fou. Arrivés au pied de la première corde, il était déjà plus de 8 heures du soir et nous étions alors persuadés que l'autre équipe avait accompli sa tâche avec succès. Tout au moins, c'est ce que nous pensions (voir l'article : Si je tombe, je suis mort...). Tout en sachant pertinemment que nous n'aurions pas le temps de conclure notre travail ce jour-là, nous avions résolu de poursuivre la topo jusqu'à la partie supérieure de l'éboulis, à l'endroit même où les difficultés du terrain s'aplanissent presque entièrement. Nous pourrions ainsi récupérer une grande partie des cordes, ce qui ne manquerait pas de falciter les entreprises des futures équipes chargées de la topo (et dont nous ferions très probablement partie). Nous nous sommes extraits de la grotte vers 10 heures. En arrivant au camp encore tout surchargés

PERFIL LONGITUDINAL - GALERIA SUL



GRUTA DA BOCAINA





d'équipements, sales et trempés, nous nous sommes fait passer un savon par les collègues qui étaient revenus avant nous et qui commençaient à se faire du mouron à cause de notre retard. Et la réprimande ne dépassa pas certaines limites uniquement parce que le groupe de Jacques était encore plus en retard que nous. Ils avaient pénétré dans la Bocaina pour déséquiper les galeries comprises entre la nouvelle entrée et le point P 116, et ils s'étaient sans doute perdus au milieu d'un éboulis. Nous avons pris notre repas en hâte et sommes allés nous reposer un peu sous la tente au cas où la situation l'exigeât.

Nous ne tardâmes pas à trouver le sommeil mais la conversation qui se prolongeait au clair de lune troublait notre repos. Des bribes de phrases, tantôt en français, tantôt en portugais, s'immisçaient dans mes rêves et il m'était bientôt devenu impossible de distinguer les songes de la réalité...

- (...) Nous sommes équipés... On descend !

- Un ET. J'ai vu un ET à l'entrée de la caverne.

- Zzzzz. Rooonnn.

- (...) J'ai rejoint l'équipe. Ils remontent déjà (...). Retirez les cordes !

- Jacques est parti avec le groupe des ET (...).

Et c'est tout ce que j'ai entendu avant de sombrer dans un profond sommeil. La chaleur de mon sac de couchage enveloppa mon corps et la seule chose qui frappa mon esprit fut l'entrée de la Bocaina. Un jour inoubliable à n'en pas douter ... La découverte d'une traversée ne s'oublie jamais. Les tâches à accomplir dans la Bocaina étaient pratiquement achevées. Il ne restait plus que quelques galeries à topographier aux abords de la nouvelle entrée. Tout en étant conscient du fait que la cavité n'avait pas étendu son dénivelé, il n'en restait pas moins que les contributions apportées par ces nouvelles découvertes allaient pratiquement multiplier par deux la taille de celle-ci en lui assurant une position mondiale enviable parmi les grottes de cette lithologie.

Le lendemain, j'ai appris ce qui s'était passé. L'équipe de Jacques avait traversé toute la caverne en retirant les cordes. Quand ils eurent rejoint les abords de

l'entrée principale, le point P116, ils ne trouvèrent pas le passage au milieu des blocs effondrés. Ils s'étaient égarés alors qu'ils ne se trouvaient qu'à 20 m du commencement de la remontée. Comme il ne leur restait rien d'autre à faire qu'à prendre leur mal en patience, ils s'assirent et attendirent qu'on vint à leur secours du dehors. Leur attente dura jusqu'à minuit. Heureusement, rien de fâcheux n'arriva et ils s'en sortirent tous sains et saufs. Ah... Et le ET ?... Thiago qui était resté à nous attendre à notre sortie de la caverne près du Pico, avait pris Joël pour un extra-terrestre. Il est vrai que par une nuit noire, tomber nez à nez avec un individu déginguandé, au crane rasé et braquant sur vous un "oeil" luminescent incrusté au beau milieu du front a de quoi faire se dresser les cheveux sur la tête de quiconque serait témoin d'une telle apparition. Et cela aurait tout aussi bien pu se terminer plus tragiquement car, pris de panique et voulant à tout prix fuir cette étrange créature, Thiago avait failli se jeter dans le précipice.

1. A cette époque, trois rivières du Centenário, une du Bloco Suspendido, deux dans la Bocaina et une dans l'Alaouf avaient déjà été explorées.

2. Dans le Centenário deux rivières s'achèvent en se resserrant (à respectivement 400 et 406 m de profondeur) et le dernier, le plus profond, se perd au milieu d'un imposant éboulis à 481 m de la surface. La rivière du Bloco Suspendido se termine sur un resserrement à 171 m. en-dessous du niveau de l'entrée. Dans la Bocaina, le premier drainage a vu ses explorations s'interrompre sur un siphon (-404m.). Et dans l'Alaouf, comme nous l'apprendrons plus tard, le point limite de la rivière, et de la caverne, est barré par un éboulis (-294m.).

3. Quelques années auparavant, au cours d'une prospection extérieure, nous nous étions approchés très sensiblement de ces lieux et nous avions découvert à l'occasion deux petits abris que nous avions baptisé Paredão Leste I et II.

4. Cette topo a été effectuée le lendemain par la même équipe que la veille. La seule altération a vu Leandro remplacer Gabriel.

5. Après en avoir conclu la topo, la Bocaina totalisait 3220 mètres de projection horizontale alors que son dénivelé en comptait 404, ce qui en fait la deuxième au monde par la taille et la plus profonde dans cette lithologie. Seule sa voisine la Gruta do Centenário la dépasse.



Se eu cair,

Joël

Groupe Spéléo

Raimbourg

Bagnols Marcoule

Pico do Inficionado is a quartzite massif about 2000m high, cut by several fissures more than -100m deep, that make any simple walk a not very easy task. This article describes the adventures of a



Daniel Viana

team of cavers that, after crossing Gruta da Bocaina, tried to find their way outside the cave and, after several frustrated attempts to get to the camp site, found themselves in an embarrassing situation.

eu morro...



á dias em que o ânimo nos abandona. Esta manhã do dia 20 de junho foi um desses. Eu não tinha muita vontade de descer ao mundo subterrâneo. A área do Caraga é tão grandiosa que eu queria aproveitá-la ao máximo. Como eu não tinha bateria para fazer filmagem subterrânea, fiz de tudo para ficar na superfície. Gostaria muito de conseguir captar, em vídeo, o lado grandioso do cenário ao redor.

Mas as equipes já estavam formadas. Eu me encontrava no

grupo de Benoît, Jef e Leandro. Nós iríamos prospectar o fundo do cânion a partir de sua segunda entrada da Bocaina no P.40. Ontem eu havia encontrado um acesso que permitia atalhar este poço e chegar até uma janela encontrada dois dias antes, quando estávamos a -300 m na Bocaina.

Seguindo o fundo do cânion nós iríamos prospectar mais abaixo para tentar descobrir uma nova entrada. Ao mesmo tempo, Ezio, Lília, Álvaro e Gabriel fariam o mapeamento exatamente abaixo na

Gruta da Bocaina, onde as equipes anteriores haviam sido detidas por uma passagem estreita.

A partida começou. A progressão seguia um ritmo bastante rápido. Procuramos as passagens avançando sobre blocos enormes em equilíbrio relativamente estável. Depois de termos equipado um abismo de 5 m chegamos de fato à parte baixa do cânion. O avanço foi fácil durante uns 10 m antes de terminar de uma maneira brusca em um obstáculo. Nós estávamos

diante de um novo abismo de uns 10 m. No fundo o piso subia e a fenda se tornava estreita.

A continuação foi encontrada em uma fenda que “saía dos nossos pés” e parecia que descia cerca de 50 m (estimado pelo barulho feito pelas pedras que batiam contra as paredes). A aventura recomeçava, e a excitação estava de volta. Parecia óbvio que nós ultrapassávamos o limite subterrâneo de dois dias anteriores e esperávamos chegar do outro lado da passagem estreita, que nos impedia de progredir. Cientes de tudo isso precisávamos absolutamente recuperar muitas das cordas (na medida de nossas ambições!...).

Eu me encarreguei da tarefa de subir para buscar a corda instalada no P.40 com outras que deveriam ser deixadas juntas pela equipe que faria a travessia desequipando a caverna. Passando perto da janela percebi uma luz 15 m mais abaixo. Era o Jacques que acabava de tirar umas fotos. Ele me explicou que o Ezio tinha encontrado uma continuação e que eles seguiam a topografia “en première”. Eles se preparavam para subir. Desejei-lhes boa sorte no caminho de volta que passava por 300 m de cordas. Precisariam de coragem... Principalmente aqueles que iriam voltar à caverna à meia noite para socorrê-los. Mas isso é uma outra história.

Eu estava então impossibilitado de recuperar a corda. Mas mesmo assim subi o cânion para buscar comida e água. Tendo chegado onde havíamos deixado nossas mochilas, percebi que me encontrava exatamente na posição vertical de meus queridos colegas, que estavam descendo, com prazer, a fenda. A rocha estava completamente podre e as ancoragens se faziam sob blocos suspensos. Depois de 3 spits afixados em um último fracionamento, Benoît enfim encontrou o fundo depois de 65

m de descida. Ele desceu essa fenda cortada por um pequeno poço e parou em um desnível de 5 a 6 m. Várias vezes ele ouviu vozes ao longe. Era o grupo do Ezio que acabava de encontrar a continuação por baixo e continuava a exploração e a topografia.

Considerando que as duas redes se encontravam, decidimos desequipar depressa para ter a chance de voltar ao acampamento antes da noite cair. Não se pode negar que o caminho de volta, no meio desse campo de falhas, é mais simpático com a luz do dia. No caminho de volta ouvimos gritos ao longe. Apesar do eco, o som parecia vir da parte inferior da grande fenda. Só podia ser a equipe do Ezio que havia encontrado uma nova saída.

- Oiiiiiiiiiii... Gritava uma voz de longe.

- Oeiiiiiiiiiii... Respondíamos com prazer.

Este foi um momento magnífico, que não se vive todos os dias. Duas equipes perdidas na parte alta de falhas de uma montanha brasileira, brincando com o eco. Mas esse jogo tinha que acabar, porque estávamos apressados para voltar antes de anoitecer.

- Oiiiiiiiiiii... Grita de novo a voz.

- O que a gente vai fazer?

Não podíamos falar que não tínhamos ouvido nada. Tirei minha mochila e fiz uma manobra para descer rumo à beira da grande falha. Ao mesmo tempo, Benoît passou do outro lado. Eu me aventurei mais longe na língua rochosa separada por duas fendas. Com muita precaução, inclinei-me em cima de 40 m de abismo para tentar enxergar onde nossos amigos estavam.

Benoît me indicou aproximadamente a posição deles. Eles estavam afastados uns 30 m em relação à linha vertical. Eu não podia realmente me aproximar, sem correr muitos riscos.

- Onde vocês estão? O que está acontecendo?

- Aqui!

Eu só vi umas grandes rochas em equilíbrio entre duas paredes na parte baixa da fenda. Graças às vozes adivinhei a presença de Álvaro e Gabriel.

- A gruta termina por uma saída no flanco da montanha. Ezio e Lília voltaram por dentro fazendo a topografia. Precisamos de ajuda para sair daqui.

- Você sabe, não é muito fácil. Não posso chegar em cima de vocês.

- Nós escalamos blocos, mas não podemos mais nos mover. Precisaria escalar, mas não é fácil. Se eu avançar e cair à direita, estou morto. Se eu cair à esquerda, também estou morto.

Eu voltei para discutir com Jef e Benoît. O sol ia em breve desaparecer e nossos amigos não estavam correndo um real perigo. Eles preferiram não se cansar refazendo o caminho de volta por dentro da caverna enquanto uma corda salvadora os pouparia de muitos esforços. De comum acordo decidimos ajudá-los, pelo prazer e por Álvaro, com sua gentileza e seu francês capenga. E como eu ainda não tinha vestido meu equipamento, sentia-me naquela hora com um espírito salvador. Minha motivação vinha do aspecto inesperado e risível da situação.

Jef e Benoît desenrolaram a corda de 100 m para que eu descesse no fundo do cânion. O problema era como poder me aproximar dos refugiados. Era possível descer em uma falha secundária que me permitia pendular uns 10 m para atingir um patamar à meia altura na fenda. Esta passagem, muito aérea, me levaria a escalar rumo aos blocos onde deveria encontrar nossos amigos. Em seguida, era o desconhecido. Na meia-escuridão que começava a se instalar comeci

a descida. Jef me segurou do melhor jeito que pôde (ele podia muito) sem instalar spits. Uma vez no patamar, precisava realizar a pequena escalada. Se eu tivesse caído, não teria morrido 30 m abaixo, mas corria o risco de me arrebentar contra a parede, uma vez que a corda formava uma grande barriga. Com um pouco de concentração, tudo se passaria sem problemas. Na hora H, o fluxo de adrenalina me lembrou as corridas feitas nas rochas, no maciço dos Ecrins, muitos anos atrás. De cima deste grande bloco, aprisionado em cima do abismo, vi a chama vacilante do Álvaro, todo feliz por saber que eu estava perto. Ao mesmo tempo, Benoît cuidou da outra extremidade da corda para torná-la uma corda de segurança. Eu estava então, com tudo o que precisava para Álvaro e Gabriel juntarem-se a mim com toda a segurança. Em equilíbrio, sobre o bloco, os segurei usando a técnica "montanha". Uma vez juntos, a tarefa de Jef consistia em tornar-se o desviador humano lá bem em cima. Tudo estava pronto para a subida segura dos nossos resgatados.

E foi em um belo clarão de lua que nos reencontramos todos felizes, depois dessa pequena aventura que felizmente terminou bem. Nossos amigos, que tinham ouvido nossas vozes, tinham escalado blocos sem poder recuar nem avançar: Como dizia o Álvaro:

- Se eu cair à direita, eu estou morto e, se eu cair à esquerda, também estou morto.

Si je tombe, je suis mort...

Joël Raimbourg
Groupe Spéléo
Bagnols Marcoule

Il est des jours où l'on sent que l'énergie qui nous anime passe par des bas. Ce matin du 20 juin est un de ces jours pour moi. J'ai moyennement envie d'aller sous terre. Le site de Caraga est tellement grandiose que je veux en profiter au maximum. N'ayant pas d'éclairage pour faire de la vidéo sous terre, je vais tout faire pour rester en surface. J'aimerais bien arriver à rendre en vidéo le côté grandiose du décor qui nous entoure.

Bon, les équipes sont faites. Je me mets avec Benoît, Jef et Léandro. Nous allons prospecter le fond du canyon à partir de sa seconde entrée au P40. J'ai repéré hier un accès sans équipement qui permet de shunter ce puits et de se retrouver à la lucarne entrevue deux jours plus tôt lorsque nous étions à -300 m dans Bocaina.

Donc, tout en restant au fond du canyon en surface, nous allons prospecter plus en aval pour essayer de retrouver une issue souterraine. Pendant ce temps, Ezio, Lilia, Alvaro et Gabriel topographient juste en dessous le terminus de la grotte qui s'avère ensuite trop étroite.

Et c'est parti. La progression est assez soutenue. Nous cherchons les passages en progressant sur d'énormes blocs en équilibre assez stable. Après l'équipement d'un P5, nous arrivons réellement dans la partie basse du canyon. La progression est aisée sur quelques dizaines de mètres mais elle se termine rapidement sur un obstacle. Nous sommes en face d'un vide de quelques dizaines de mètres avec le plancher qui remonte en face et la faille qui se resserre.

La suite doit se trouver dans une fracture qui part à nos pieds et qui semble plonger sur plus de 50 mètres, à entendre le bruit des cailloux qui rebondissent sur les parois.

L'aventure recommence, l'excitation revient. Nous avons certainement dépassé le terminus d'il y a deux jours et espérons

nous retrouver de l'autre côté du passage étroit qui nous bloquait.

Avec toutes ces certitudes, il nous faut absolument récupérer beaucoup de cordes (à la mesure de nos ambitions !...).

Je me propose de remonter chercher la corde installée au P40. En effet, une autre équipe doit faire la traversée en sens inverse en retirant tout l'équipement. Elle doit en principe nous laisser quelques cordes disponibles au P40.

De passage près de la lucarne, j'entrevois une lumière 15 mètres



Fendas profundas "rasgam" a montanha dificultando os deslocamentos no Pico do Inficionado.

Foto: Jean François Perret.

plus bas. C'est Jacques qui vient de faire quelques photos. Il m'explique qu'Ezio a trouvé une suite et qu'ils continuent la topo en première. Quant à eux, ils se préparent à remonter en déséquipant la cavité. Je leur souhaite bon courage car bien que me trouvant à dix mètres de distance, je suis à l'extérieur tandis qu'ils ont 300 mètres de cavité à remonter. Et du courage, il en faudra... à ceux qui seront obligés de se rhabiller à minuit pour aller les secourir. Mais ca, c'est une autre histoire !

Donc, me revoilà dans l'impossibilité de récupérer la moindre corde. Qu'à cela ne tienne, je vais tout de même remonter en haut du canyon pour aller chercher de la nourriture et de l'eau. Une fois arrivé ou nous avions laissé nos sacs, je m'aperçois que je suis exactement à l'aplomb de mes chers collègues, lesquels sont en train de se faire plaisir à descendre la faille. Le rocher est complètement pourri et l'équipement se fait sur blocs suspendus. Après trois goujons plantés et un dernier fractio sur «chef», Benoît atteint enfin le fond après environ 65 mètres de descente. Il descend cet amont entrecoupé d'un petit bassin d'eau et s'arrête sur un ressaut de 5 à 6 mètres avec de gros volumes. A plusieurs reprises, il entend au loin parler. C'est l'équipe d'Ezio qui vient de trouver la suite par-dessous et continue la première tout en topographiant.

Considérant que les deux réseaux se rejoignent, nous décidons de déséquiper rapidement pour avoir la chance de revenir au camp avant la nuit. C'est tout de même toujours plus sympathique de retraverser tout ce champ de failles de jour.

Sur le chemin du retour, nous entendons des cris au loin. Malgré l'écho, le son semble bien provenir de cette grande faille, et en aval. Et oui, la grande faille qui est la suite logique de notre cavité en exploration.

Ce ne peut être que l'équipe d'Ezio qui a trouvé une nouvelle sortie de la grotte vers l'extérieur.

- Hoééééé!... lance une voix lointaine.

- Héoooooooo! Répondons nous amusés.

Moment superbe qu'il n'est pas donné de vivre tous les jours. Deux équipes paumées dans les failles sommitales d'une montagne brésilienne jouant à coucou qui est là.

Bon ca va bien un instant mais nous sommes pressés de rentrer avant la nuit.

- Allez, on a assez joué !

- Hoéééééé !... reprend la voix lointaine.

Qu'est-ce qu'on fait ? On ne peut pas dire qu'on ne les a pas entendus. Je pose mon sac à dos et fait demi-tour pour descendre vers le bord de la grande faille. Pendant ce temps, Benoît passe de l'autre côté et se retrouve sur l'autre bord.

Je me dirige au plus loin sur la langue rocheuse séparant deux failles. Avec beaucoup de précautions, je me penche au-dessus des 40 mètres de vide pour tenter d'apercevoir nos amis.

Benoît m'indique approximativement leur position. Ils se trouvent à une trentaine de mètres plus loin par rapport à ma verticale. Je ne peux vraiment pas me rapprocher d'eux sans prendre de grands risques.

- Ou êtes-vous ? Que se passe t-il ?

- Là !

Je ne vois rien que quelques gros rochers en équilibre, coincés dans le bas de la faille. A la voix, je devine leur présence, il y a Alvaro et Gabriel

- La grotte se termine avec une sortie sur le flanc de la montagne. Ezio et Lilia sont en arrière en train de faire la topographie. Aidez-nous à remonter de cette faille.

- Tu sais, ce n'est pas très facile, je ne peux pas arriver au-dessus de vous.

- Nous avons escaladé des blocs mais nous ne pouvons plus bouger. Il faudrait faire une escalade, c'est pas difficile mais si j'avance et si je tombe à droite, je suis mort et si je tombe à gauche, je suis mort aussi.

Je fais demi-tour pour en discuter avec Jef et Benoît. Le soleil va bientôt se coucher et nos amis ne sont pas vraiment en danger. Ils n'ont sûrement pas envie de se fatiguer à refaire le chemin du retour sous terre alors qu'une corde salvatrice leur épargnerait bien des efforts.

D'un commun accord, nous décidons d'y aller pour le fun et pour Alvaro avec sa gentillesse et son français chevrotant. Et puis, n'ayant pas encore enfilé mon équipement de toute la journée, je me

sens à présent une âme de sauveteur. Ma motivation provient en fait de l'aspect inattendu et cocasse de la situation.

Jef et Benoît délovent la corde de 100 mètres pour me permettre la descente au fond du canyon. Le problème est de pouvoir accéder aux réfugiés.

Il est possible de descendre dans une faille secondaire qui me permettra de penduler d'une dizaine de mètres pour atteindre une vire à mi-hauteur, dans la faille. Ce passage très aérien donne accès à une escalade pour remonter vers les blocs ou doivent se trouver nos amis. Ensuite, c'est l'inconnu.

Dans la pénombre qui commence à s'installer, je débute la descente. Jef m'assure du mieux qu'il peut (et il peut beaucoup) sans planter de spit. Arrivé sur la vire, c'est maintenant qu'il faut se décider. Il faut que je franchisse cet obstacle et réalise la petite escalade. Si je tombe, je ne suis pas mort 30 mètres plus bas, mais avec le pendule, je risque de m'écraser contre la paroi.

Un peu de concentration et tout se passe à merveille. Au passage, le flot d'adrénaline me remémore mes courses de rochers faites dans les Ecrins il y a de nombreuses années.

Perché en haut de ce gros bloc coincé au-dessus du vide, je vois la flamme vacillante d'Alvaro tout heureux de me savoir si près.

Pendant ce temps, Benoît s'est occupé de l'autre extrémité de la corde pour en faire une corde d'assurance. Je me retrouve donc avec tout ce qu'il faut pour qu'Alvaro et Gabriel me rejoignent en toute sécurité. Perché en équilibre sur le sommet du bloc, je les assure en technique montagne.

Une fois tout le monde ensemble, il ne reste plus à Jef qu'à tenir le rôle de déviateur humain tout en haut tandis qu'assuré par Benoît, je suis remonté pour mettre le pied entre la corde et la paroi à mi-hauteur. Tout est alors prêt pour une remontée de nos rescapés en toute sécurité.

C'est sous un beau clair de lune que nous nous retrouvons tous, heureux de cette petite aventure qui se termine bien car nos amis ayant entendu nos voix avaient escaladé des blocs sans pouvoir ni reculer ni avancer; et si j'avance et si je tombe à droite, je suis mort, et si je tombe à gauche, je suis mort aussi.



ALAOUF!

MARC FAVERJON
GROUPE SPÉLÉO BAGNOLS MARCOULE



A new French Brazilian expedition was fielded to Pico do Inficionado (MG) in July 2001, to continue the exploration of the known caves and to look for new ones. Among the findings, we must highlight Gruta Alaouf. Situated only a few metres away from Gruta do Centenário (the deepest and largest quartzite cave in the world), it also presents very similar features to it. A depth of -294m was reached, putting it in third on the list of world deepest quartzite caves. The article presents details about the cave and its exploration.

S

erá que existe uma vida depois dos grandes recordes? O recorde que se busca aqui é aquele da profundidade e da projeção horizontal para uma cavidade em quartzito. De 1996 a 98 o Bambuí explorou a Gruta do Centenário até

a profundidade -481 m e por mais de 4 km de projeção horizontal. O maciço do Caraça e a Gruta do Centenário novo recorde do mundo de profundidade no quartzito - entraram pela porta da frente na lista das grandes cavidades mundiais. A Gruta do Centenário ocupa também o lugar da mais profunda caverna do Brasil.

O fato se reproduziu em 98-99, com a exploração de Bocaina (também no Caraça) que se tornou, com 405 m de profundidade, a segunda cavidade do mundo no quartzito e a segunda cavidade do Brasil em profundidade. A terceira caverna de destaque se chama Alaouf, também situada na região do Caraça. Essa cavidade tornou-se a terceira mais profunda do Brasil, com 294m de desnível, mas não a terceira do mundo no quartzito. Mesmo assim, representa um sistema muito bonito, situado num maciço tão belo como o que eu tenho a difícil tarefa de tentar fazê-los descobrir.

Caraça é ponto mais alto da região que circunda Belo Horizonte, com 2.067m de altitude. O maciço é composto de quartzito, uma rocha de sedimentos formada por areia e cimento silicoso. A formação geológica data do pré-cambriano, o que faz dela uma das rochas mais antigas encontradas na terra, formada há mais ou menos 3 bilhões de anos! Desde esses tempos longínquos, ela sofreu os assaltos repetidos do vento e da chuva e das condições geológicas difíceis que a fraturaram com uma grande intensidade.

Ao contrário do calcário, o quartzito é uma rocha quimicamente pouco solúvel, o que a torna imprópria à formação de cavidades segundo os fenômenos de carstificação conhecidos. Contudo, a combinação das atividades tectônicas e da erosão mecânica consegue, quando se beneficia de um tempo suficiente, formar as cavidades, inclusive no quartzito. E, para nossa grande felicidade, este foi o caso do Caraça.

A montanha se parece com uma massa que teria secado demais ao sol. Ela tem a "pele" enrugada e cheia de rachaduras pelas quais poderemos penetrar. Esta paisagem singular pode também lembrar uma geleira em fim de temporada, quando os abismos se abrem muito. As fraturas principais que cortam o maciço estão orientadas segundo um eixo geral a 110° norte. Esta direção corresponde ao eixo principal de desenvolvimento das cavidades, incluindo Alaouf.

O sistema Alaouf nasce aproximadamente a 200 m do acampamento do Caraça, situado praticamente no ponto mais alto da montanha. A parte superior do sistema é uma grande fenda de uns 40m de profundidade, 5 a 10 m de largura e 15 m de extensão, que pode ser descida com facilidade de um lado e com

muito mais dificuldade do outro. A partir desta, três poços permitem atingir uma outra fratura paralela, percorrida por um pequeno rio. O acesso mais fácil é um poço de 2 m que se abre no nível do piso na parede esquerda, no ponto baixo da fenda principal. Encontra-se o rio, que tem uma vazão de uns poucos litros por minuto, diretamente na base do poço. Descendo para jusante é possível seguir o rio uns 300 m até uma passagem impenetrável. Pouco antes do término pode-se ver a luz do dia, que penetra na caverna através do fundo da fenda principal.

O caminho mais fácil para atingir a parte inferior do sistema consiste em retornar à superfície, subindo por uma escalada no término da grande fenda da entrada. A partir desse ponto, recai-se em uma fenda paralela 20 m ao norte e que chega 60 m de profundidade. Percorre-se a fenda (que é aberta e se parece com um cânion) durante 150 m até reencontrar o rio perdido no fundo da rede superior. Essa parte é cortada por duas escaladas, e é preciso de equipamentos para subir com segurança. O rio continua formando uma curva estreita durante uns 100 m, no prolongamento da fenda principal. Essa última se inclina levemente rumo ao norte e continua 40 m acima, para finalmente se encontrar no meio de um amplo poço de 93 m. Esse acesso é, sem dúvida, o mais rápido para atingir a parte inferior do sistema.

O poço de 93m abre-se na beira leste do maciço e é particularmente difícil de ser atingido através da superfície, no meio de um labirinto de falhas e abismos. Na base do grande poço, fica uma galeria com dois metros de largura. À montante a galeria torna-se muito estreita depois de uns 30 m. Descendo o rio ela continua larga e agradável, cortada por alguns desníveis fáceis de ultrapassar.

[...] Alaouf, também situada na região do Caraça. Essa cavidade tornou-se a terceira mais profunda do Brasil, com 294m de desnível [...]

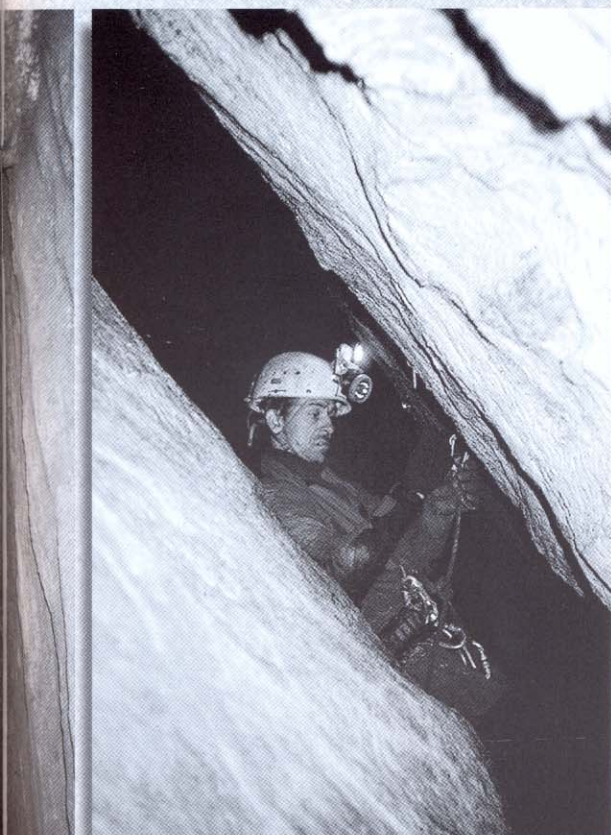


A 120 m da base do poço encontra-se novamente o rio, perdido em uma fenda da rede intermediária. Segue-se então, durante 100 m, até um alargamento da galeria. Essa parte caracteriza-se por magníficas formas de erosão, bastante raras no quartzito. No alargamento, uma galeria à esquerda permite atingir uma entrada secundária que se abre no meio da escarpa à beira do maciço do Caraça. O rio segue em um forte declive a partir da bifurcação. A água despenca em uma cachoeira de 10 m, que pode ser evitada por uma galeria paralela. Um pouco mais à frente uma nova cachoeira de 25 m de profundidade contém "tudo que cai". Um abismo de 20 m, comparativamente mais estreito do que o precedente, segue depois de uma curta passagem em meandros. Na base desse poço a

morfologia da gruta modifica-se por completo. A partir de então, a progressão continua dentro de uma lâmina inclinada a 45° e que desce 35 m, atingindo um conjunto de passagens caóticas no meio de um grande desmoronamento. Este ponto está a 294 m de profundidade a partir da entrada superior do sistema. A progressão está inexoravelmente interrompida por blocos. Essa última parte da caverna caracteriza-se pela presença de cristalizações muito bonitas.

O sistema Alaouf totaliza uma extensão de 1.710 m e um desnível de 294 m. O seu nome evoca as técnicas de exploração utilizadas durante a sua descoberta. A entrada superior foi descoberta no dia 28 de junho por Hedmilson, que ouviu o rio a partir do alto do P.12 da entrada superior do sistema. Logo no dia

Momentos da exploração da Alaouf. As galerias estreitas e verticais exigiram vários fracionamentos, alguns deles feitos "Alaouf".
Fotos: Jean François Perret e Daniel Viana.



Suas façanhas no equipamento inspirou o nome da cavidade - Alaouf - que não encontra uma palavra correspondente em português, mas poderia ser traduzido como "gambiarra".

seguinte, Guy, Valérie e Gilles foram equipar a cavidade. Eles procuraram em vão a entrada, penetraram no sistema intermediário que percorreram até o sumidouro do rio a -89 m, sem prosseguir na parte inferior da falha principal. Suas façanhas no equipamento (se eu cair eu morro!) inspirou o nome da cavidade - Alaouf - que não encontra uma palavra correspondente em português, mas poderia ser traduzido como "gambiarra".

No dia 30 de junho uma terceira equipe, composta por Gilles, Olivier, Daniel, Marc e acompanhada por Hedmilson (até então o único capaz de reencontrar a entrada) explorou 550 m do sistema superior e no fim do dia achou o abismo de 93 metros (P.93).

Duas equipes voltaram à Alaouf no dia 1º de julho. A primeira com Jef, Gilles e Benoît retornou ao término explorado no dia 29 de junho, onde descobriram a continuação da fenda. Seguiram a exploração até um patamar situado no meio do P.93, de onde eles não podiam continuar, por falta de material.

Trinta minutos mais tarde a outra equipe, que vinha pela superfície, também passaria pelo abismo. Na base do P. 93 prosseguiram com um frenesi na magnífica galeria. Desceram três desníveis atingindo de novo o rio e deixando a parte inferior inexplorada por falta de material. Contudo, descobriram a entrada secundária da Alaouf. No fim desse dia, o total da rede contava com mais de 1km de extensão e uma profundidade estimada em 145 m.

No dia 02 de julho estávamos de volta à Alaouf. Olivier e Marc, que no dia anterior fizeram muitas "premières", foram designados para a tarefa de topografia com Guy. Joël e Gilles tiveram a tarefa de desequipar o P.93 uma vez que podia-se cortar caminho pelo nível intermediário, enquanto Jacques, Gugu, Leandro e Valérie se encarregavam das fotos e de recolher amostras geológicas. Uma última equipe de choque, integrada por Jef, Ezio, Daniel e Benoît, abriria o caminho. O primeiro poço foi equipado sem problema. Uma vez no P.25 Jef deixa cair a furadeira em um poço abaixo. Ele desceu então o abismo "á la ouf" para buscar a furadeira, agora imersa em 2 m de água fria. Nesse meio-tempo o Ezio, que usava o batedor, deixa-o cair em cima do capacete do Jef, que estava nadando no lago. Moral: quando uma expedição chega perto do final não se pode juntar dois chefes, se quiser evitar as catástrofes! Depois dessa desventura, Benoît, Ezio, Daniel e Jef retomaram o caminho rumo à parte inferior seguidos, como sempre, por Guy, Olivier e Marc na topografia.

Eles desceram o P.20 que segue o poço "Tudo que Cai" e prosseguiram no tobogã de 35m... A 294 m de profundidade a progressão parou numa área caótica, onde não foi possível encontrar uma continuação.

Alaouf é uma caverna muito menor do que a Bocaína e o Centenário, mas muito bonita. Ela apresenta, a partir da base do P.93 até a base do tobogã, morfologias impressionantes e, sobretudo, dá uma impressão de um grande abismo, o que não se ressentia muito na parte superior. Sua exploração, acompanhada por muitas surpresas, foi para mim um grande momento de prazer acompanhado por um pequeno toque de exotismo dado pela rocha que nós, franceses, não temos muito o hábito de frequentar. Ainda menos sob a terra. 

ALAOUF !

Marc Faverjon
Groupe Spéléo
Bagnols Marcoule

Y a t-il une vie après les grands records ?

Le record dont il s'agit présentement est celui de la profondeur et du développement pour une cavité dans la quartzite, réalisé en 1995.

Cette année-là, le Bambui explore la Gruta do Centenario jusqu'à 485 mètres de profondeur pour plus de 4 kilomètres de développement. Le massif de Caraca et la Gruta do Centenario, nouveau record du Monde de profondeur dans la quartzite, entre par la grande porte dans la liste des grandes cavités mondiales. La Gruta do Centenario prend aussi la place de plus profonde cavité du Brésil.

Rebelotte en 1999 avec l'exploration de Bocaina, toujours à Caraca, qui devient à cette occasion, avec ses 405 mètres de profondeur, la deuxième cavité du Monde dans les quartzites et la deuxième cavité du Brésil pour la profondeur.

Le troisième larron s'appelle Alaouf. Lui aussi se trouve dans la même région et devient la troisième cavité du Brésil pour la profondeur, avec 299 mètres de dénivelé, sans être cependant la troisième du monde dans la Quartzite. On casse un peu les séries ! ça reste néanmoins un très beau système situé sur un tout aussi beau massif que j'ai la lourde tâche de vous faire découvrir.

Avec ses 2067 m d'altitude, Caraca constitue le point culminant de la région située aux alentours de Belo Horizonte. Son massif est composé de quartzite, une roche sédimentaire formée de sable alliée à un ciment siliceux. Cette formation géologique date de l'antécambrien, ce qui en fait une des roches les plus vieilles connues à ce jour sur terre. Elle s'est en effet formée il y a environ 3 milliards d'années !

Depuis ces temps éloignés, elle a subi les assauts répétés du vent et de la pluie, ainsi quet des contraintes géologiques qui l'ont intensément fracturée.

A contrario du calcaire, la quartzite est une roche chimiquement insoluble, donc impropre à la formation de cavités selon les phénomènes de karstification que l'on connaît. La combinaison des contraintes tectoniques et de l'érosion mécanique réussit par contre, lorsque l'on leur laisse le temps, à former des cavités, y compris dans la quartzite. Ce qui fut, pour notre grand bonheur, le cas de Caraca.

La montagne ressemble à une pomme qui aurait un peu trop séchée au soleil. Elle a la peau flétrie et plein de gercures par lesquelles nous pourrions pénétrer ces entrailles. Ce paysage singulier peut aussi faire penser à un glacier en fin de saison lorsque les crevasses se sont bien ouvertes.

Les fractures principales qui entaillent la montagne de Caraca sont orientées selon un axe général à 110° N. Cette direction correspond à l'axe principal de développement des cavités, dont Alaouf.

Le système Alaouf prend naissance à environ 200 m au nord du camp de base de Caraca situé pratiquement sur le point culminant de la montagne. La partie amont du système est une grande faille d'une quarantaine de mètres de profondeur, 5 à 10 mètres de large, et 15 mètres de long que l'on peut facilement descendre en désescalade par un côté, et beaucoup plus difficilement par l'autre côté. Trois puits permettent de rejoindre, depuis la faille précitée, une autre fracture parallèle parcourue par un petit actif. L'accès le plus aisé est un puits de 12 mètres s'ouvrant à raz de terre, en paroi gauche, au point bas de la faille principale.

On recoupe le ruisseau dont le débit est de quelques litres par minute, directement à la base du puits. En amont, la cavité se pince rapidement ; vers l'aval, il est possible de suivre l'actif, sur 300 mètres environ, jusqu'à un passage impénétrable.

Daniel Wiana



Peut avant le terminus, on aperçoit le jour en correspondance avec le fond de la faille principale de l'aval d'Alaouf.

Le chemin le plus aisé pour poursuivre vers l'aval du système consiste à ressortir en surface par une escalade aérienne au terminus de la grande faille d'entrée. On replonge alors dans une faille parallèle à 20 m au nord de la première qui correspond au sommet d'un puit de 60 m donnant dans un réseau parallèle du système amont.

On parcourt la faille à ciel ouvert sur 150 mètres jusqu'à recouper l'actif perdu au fond du réseau amont. Cette partie est entrecoupée de deux escalades nécessitant des équipements permettant une progression sûre. La rivière se poursuit dans un méandre étroit sur une centaine de mètres dans le prolongement de la faille principale. Cette dernière s'incline légèrement vers le nord et se poursuit 40 mètres plus haut, tout d'abord remontante, puis horizontale avant de déboucher au milieu d'un vaste puits de 93 mètres. Cet accès est sans aucun conteste le plus rapide pour rejoindre l'aval du système.

Le puits de 93 m s'ouvre en effet en bordure est du massif et s'avère particulièrement difficile à atteindre au milieu d'un dédale de fissures et crevasses.

A la base du grand puit, on atteint une galerie de 1 à 2 mètres de large qui se termine, en amont, sur un rétrécissement d'une trentaine de mètres après la base du puits. En aval, elle se poursuit très large et agréable, entrecoupée de quelques ressauts aisément franchissables en désescalade. On retrouve à 120 mètres de la base du puits l'actif perdu dans la fissure du réseau intermédiaire. On le suit encore sur 100 mètres jusqu'à un élargissement de la galerie. Cette partie est caractérisée par de magnifiques formes d'érosion assez rares dans la quartzite.

Au niveau de l'élargissement, une galerie, à gauche, permet de rejoindre une entrée basse qui s'ouvre dans les falaises bordant le massif de Caraca. La rivière se poursuit fortement descendante depuis la bifurcation. Elle cascade d'abord dans un puits de 10 m que l'on évite par un puits parallèle, puis un puits de 25 m, le puits « y a tout qui tombe ». Un puits

de 20 m, aussi relativement étroit lui fait suite après un court passage en méandre. A la base de ce puits, la morphologie de la cavité change complètement. On progresse désormais dans un laminoir incliné à 45° que l'on descend sur 35 m, puis dans un ensemble de passages chaotiques se développant au contact avec les éboulis de pieds de falaises présents partout en périphérie du massif. A -299 m depuis l'entrée haute du système, la progression est inexorablement stoppée par les éboulis. Cette dernière partie de la cavité est caractérisée par la présence de très belle cristallisations.

Le système Alaouf accuse 1710 mètres de développement pour 299 mètres de dénivelé. Son nom évoque les techniques d'exploration utilisées pour sa découverte.

L'entrée haute est localisée le 28 juin par Hedmilson qui entend la rivière depuis le haut du P12 d'entrée du système amont.

Dès le lendemain, Guy, Valérie et Gilles partent pour équiper la cavité. En recherchant en vain l'entrée, ils s'engagent dans le système intermédiaire qu'ils parcourent jusqu'à la perte de l'actif à -89 m, sans s'engager dans l'aval de la faille principale. Leurs prouesses dans l'équipement (si je tombe je suis mort !) vaudra à la cavité le nom de Alaouf !

Le 30 juin, une troisième équipe, composée de Gilles, Olivier, Daniel et Marc, et accompagnée d'Hedmilson (c'est mieux pour retrouver l'entrée) explore le système amont sur 550 mètres et repère en fin de journée l'entrée supérieure du système aval (P 93).

Deux équipes se retrouvent dans Allaouf le 1^{er} juillet. La première composée de Jeff, Gilles et Benoît retourne au terminus du 29 juin où elle découvre la suite de la faille. Ceux-ci poursuivent l'exploration jusqu'à la margelle située au milieu du P 93 où ils se retrouvent coincés, faute de matériel, avec l'unique satisfaction d'avoir atteint cette marque 30 minutes avant que la deuxième équipe ne l'atteigne à son tour.

A la base du P 93, nous enchaînons avec une frénésie non contenue dans la très belle galerie qui suit. Nous dévalons

trois ressauts, retrouvons l'actif, délaissions l'aval faute de matériel et découvrons l'entrée base de Alaouf. Au terme de cette journée, le réseau totalise déjà plus de 1 km de développement pour une profondeur estimée de 145 mètres.

Dès le 2 juillet, nous sommes de retour dans Alaouf. Olivier et Marc qui se sont gavés de première la veille sont assignés à la topo avec Guy. Joël et Gilles assurent le déséquipement du P 93 que l'on peut désormais shunter par l'étage intermédiaire, et Jacques, Gugu, Leandro et Valérie se chargent des photos et des prélèvements géologiques. Une dernière équipe de choc constituée de Jef, Ezio Daniel et Benoît oeuvre en pointe. Le premier puits est équipé sans encombre. Arrivé au P 25 qui lui fait suite, Jef, à l'équipement, laisse tomber la perfo dans la vasque sous jacente. Il descend alors le puits à la ouf pour rechercher son matériel sous 2 mètres d'eau froide. Pendant ce temps, Ezio en profite pour prendre l'équipement au tamponnoir et, loi des séries, fait tomber le marteau sur le casque de Jef en train de patauger dans sa vasque. Moralité : ne pas mettre, en fin d'expé, deux chefs ensemble si vous voulez éviter les catastrophes !

Cet intermède passé, Benoît, Ezio, Daniel et Jef repartent vers l'aval toujours suivis de Guy, Olivier et Marc à la topo.

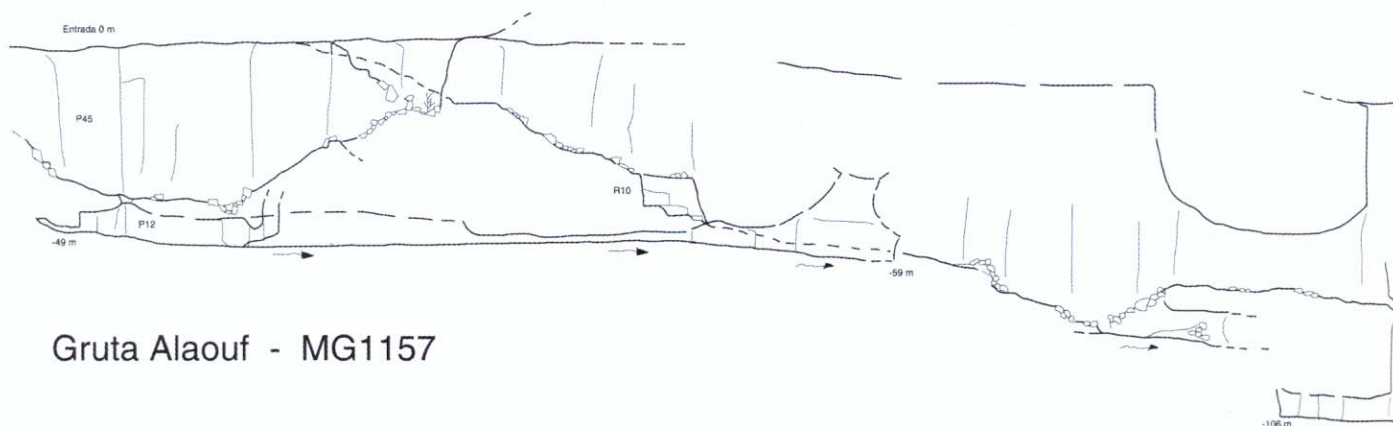
Ils descendent le P20 qui fait suite au puits « y a tout qui tombe », puis s'engagent dans le toboggan de 35 m...

A -299 m de l'entrée haute, la progression est stoppée dans une zone chaotique où il nous est impossible de trouver une suite.

Bien que plus petite que Bocaina et Centenario, Alaouf est une cavité très belle.

Elle présente, depuis la base du P 93 jusqu'au pied du toboggan, des morphologies de creusement remarquables et surtout une impression de grand gouffre que l'on ressent beaucoup moins dans sa partie amont.

Son exploration, ponctuée de rebondissements, fut pour moi un grand moment de plaisir allié à une petite touche d'exotisme offerte par une roche que l'on a très peu l'habitude de fréquenter, a fortiori sous terre. 



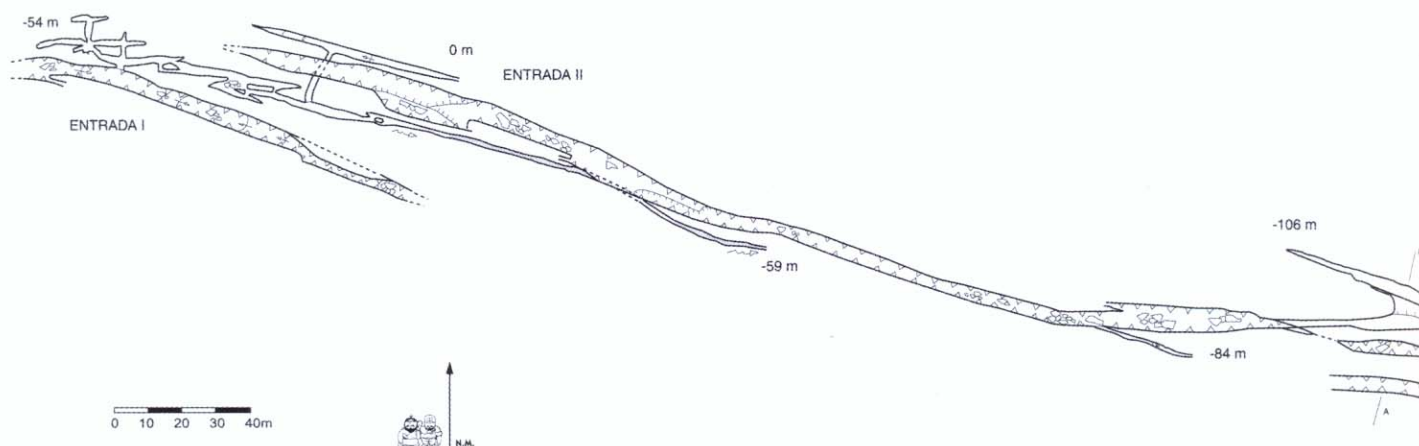
Gruta Alaouf - MG1157

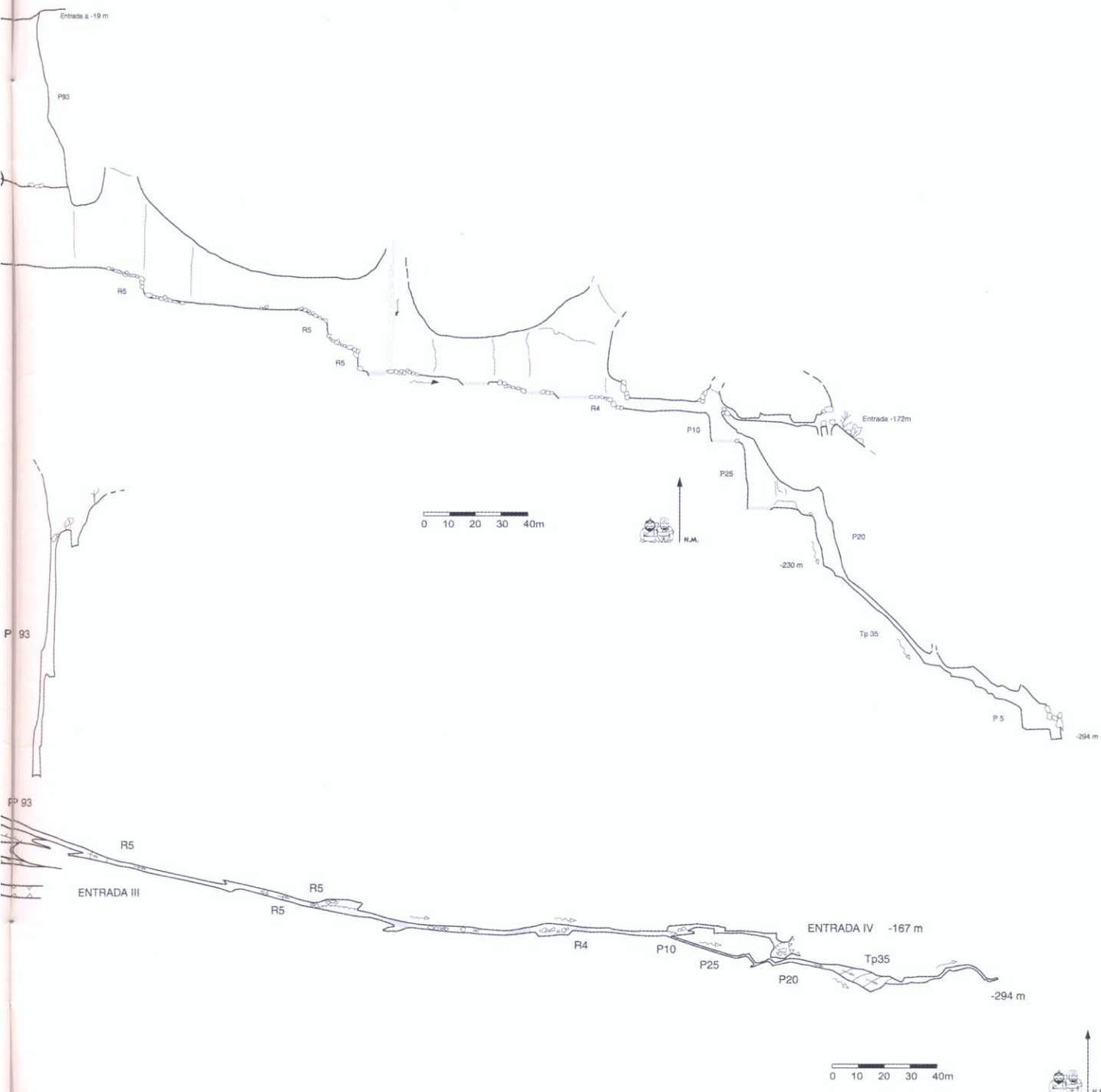
munic: Mariana - Minas Gerais
Julho de 2001

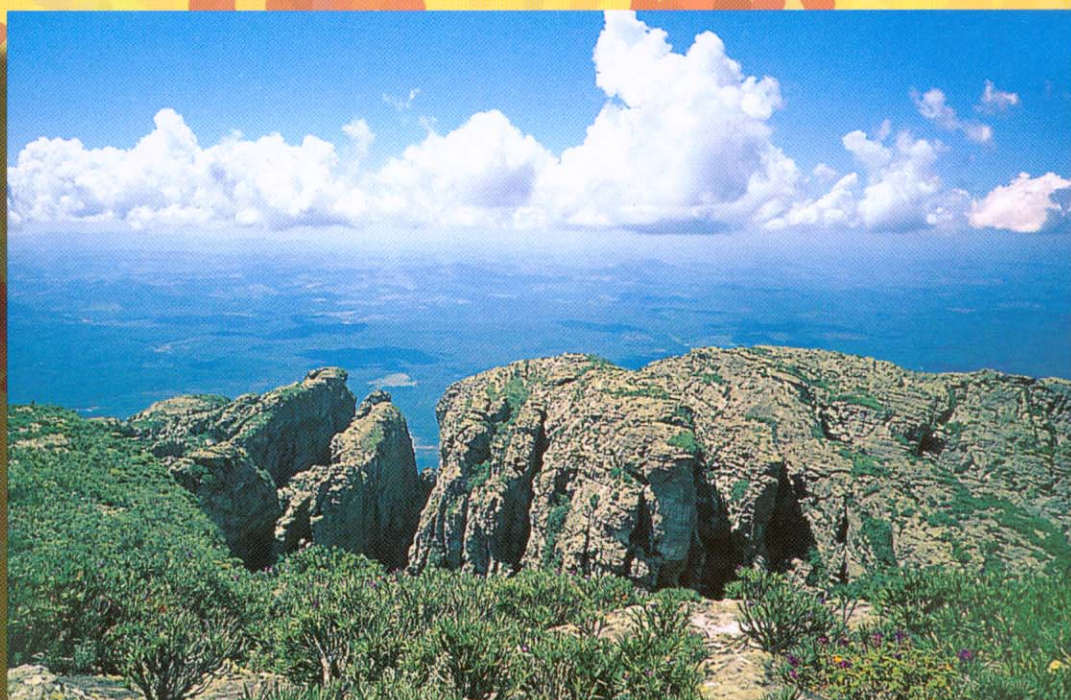
topografia : 4C BCRA
UTM 23L 662300 / 7772637

Proj. Horizontal : 1200 m
Desnível: 294 m

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas
Groupe Spéléo Bagnols Marcoule







Expedição franco-brasileira 2001

Pico do Inficionado

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas
Groupe Spéléo Bagnols Marcoule